



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Como eu chego lá?
Um webdocumentário que discute o envelhecimento das gerações Y e Z

Daumildo Alves de Oliveira Junior

Brasília
2021

Daumildo Alves de Oliveira Junior

Como eu chego lá?

Um webdocumentário que discute o envelhecimento das gerações Y e Z

<https://webdocumentariocom.wixsite.com/comoeuchegola>

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Letícia Renault Carneiro de Abreu e Souza.

Brasília

2021

Ficha catalográfica

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

0048c Oliveira Junior, Daumildo Alves de
 Como eu chego lá? Um webdocumentário que discute o
 envelhecimento das gerações Y e Z / Daumildo Alves de
 Oliveira Junior; orientador Maria Leticia Renault Carneiro
 de Abreu e Souza. -- Brasília, 2022.
 67 p.

 Monografia (Graduação - Jornalismo) -- Universidade de
 Brasília, 2022.

 1. Webdocumentário. 2. Envelhecimento. 3. Geração Z. 4.
 Millennials. 5. Jornalismo audiovisual. I. Souza, Maria
 Leticia Renault Carneiro de Abreu e, orient. II. Título.

Como eu chego lá?

Um webdocumentário que discute o envelhecimento das gerações Y e Z

Memorial descritivo de produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Letícia Renault Carneiro de Abreu e Souza

ORIENTADORA

Prof. Dr. Paulo Eduardo Cajazeira

MEMBRO 1

Prof. Paulo José Araújo da Cunha

MEMBRO 2

Profa. Dra. Thaís de Mendonça Jorge

SUPLENTE

Aos que me ajudaram a chegar até aqui.

Muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus, ao meu Anjo da Guarda, a Nossa Senhora de Fátima e a São João Paulo II. Sem essa ajuda celestial, bem como o próprio dom da vida, não conseguiria chegar até aqui. Muito obrigado!

Agradeço também a minha família: minha mãe, Maria Joana, que sempre me apoiou, esteve comigo nos momentos duros e bons, e me deu todo o carinho possível; meu pai, Daumildo, que me deu força e foi sempre muito generoso; minha irmã, Taynara, uma confidente e minha grande amiga. Muito obrigado!

Meus agradecimentos também aos meus tios, tias, primos e primas, em especial a Tia Neide e a minha prima Ana Paula, que muito me ajudaram a estar aqui hoje. Tenho uma família muito preciosa, graças a Deus. Muito obrigado!

Uma parte fundamental da pessoa que sou hoje vem do período em que fiquei na Comunidade Coração Fiel. Por isso, um agradecimento especial a eles, onde tenho amigos e irmãos muito valiosos. Muito obrigado!

Agradeço aos mais variados amigos que fui conhecendo e me aproximando ao longo desse percurso. Agradeço a Isadora, minha dupla na FAC e sempre companheira, ao Gabriel, que me ajudou muito e sempre muito parceiro, ao Evando, que me impactou e sempre foi motivação para mim. Com esses nomes agradeço a todos os outros. Muito obrigado!

Também quero agradecer a empresa júnior Facto, que me deu amigos e um tempo apaixonante e muito rico de conhecimento. Em especial, coloco os que estiveram comigo entre 2017 e 2018. Muito obrigado!

Agradeço a Universidade de Brasília pelos anos passados nesses corredores e salas. Como aprendi! Como cresci! Agradeço em especial aos professores do meu curso e com destaque a professora Letícia Renault, que me orientou e foi muito acolhedora em momentos difíceis durante o trabalho. Muito obrigado!

Também meus agradecimentos a minha amiga Giuliana, por ter me ajudado em diferentes formas neste trabalho, e a todos os entrevistados. Todos foram muito atenciosos e prestativos. Muito obrigado!

Agradeço também aos meus ex-chefes e redações pelas quais passei como estagiário ou contratado. Aprendi muito e sigo aprendendo todo dia com vocês. Muito obrigado!

A todos que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui, meu eterno agradecimento! O caminho não se faz sozinho e com vocês foi mais fácil e mais divertido. Obrigado!

*“O que vale na vida não é o
ponto de partida e sim a
caminhada. Caminhando e
semeando, no fim terás o que
colher.”*

Cora Coralina

RESUMO

Este Memorial traz os passos seguidos na elaboração do webdocumentário “Como eu chego lá?”, que discute o envelhecimento das gerações Y e Z. Trata da pesquisa de pontos básicos como o conceito de geração, quem são os *millennials* e *zennials*, o que é transição demográfica e os impactos do envelhecimento embutido nesse contexto. Também apresenta o percurso da elaboração, produção, edição e finalização do webdocumentário. O objetivo é debater o envelhecimento das gerações e mostrar possíveis cenários que se pode esperar do Brasil quando os jovens alcançarem a terceira idade, além de refletir sobre os problemas que envolvem o contexto de transição demográfica brasileira e o envelhecimento. O projeto de jornalismo audiovisual busca abordar esses temas no ambiente digital através do formato de webdocumentário, onde o usuário é livre para interagir com o espaço, mas também colocando a perspectiva do autor. O webdocumentário pode ser acessado pelo link <https://webdocumentariocom.wixsite.com/comoeuchegola>.

Palavras-chave: Envelhecimento. Geração Z. Jornalismo audiovisual. *Millennials*. Reportagem. Webdocumentário.

ABSTRACT

This Memorial brings the steps followed on the elaboration of the web documentary "Como eu chego lá?" (How I get there?), that discusses the aging of generations Y and Z. It is about the research of basic points like the concept of generation, who are the millennials and zennials, what is demographic transition and the impacts of aging. The paper presents, as well, the trajectory of elaboration, production, edition and finalization of this web documentary. The objective is to debate the aging of those generations and to show possible scenarios that are expected in Brazil when young people reach the third age, before reflecting about the problematic that involves the Brazilian demographic transition and the aging of youngsters. This project of audiovisual journalism seeks to address this thematic on a digital environment through the format of web documentary, where the user is free to interact in the space, also putting the author's perspective. The web documentary can be accessed by the link <https://webdocumentariocom.wixsite.com/comoeuchegola>.

Keywords: Aging. Gen Z. Audiovisual Journalism. Millennials. Reportage. Webdocumentary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configuração da pirâmide etária do Brasil em 1975.....	26
Figura 2 - Configuração da pirâmide etária do Brasil em 2000	27
Figura 3 - Configuração da projeção da pirâmide etária do Brasil em 2025	27
Figura 4 - Paleta de cores	50
Figura 5 - Aplicação de Identidade Visual I.....	50
Figura 6 - Aplicação de Identidade Visual II	51
Figura 7 - Aplicação de Identidade Visual III.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Divisão dos entrevistados das gerações Y e Z.....	44
Tabela 2 – Especialistas por área de atuação e quantidade.....	44
Tabela 3 - Equipamentos utilizados na produção do webdocumentário.....	48
Tabela 4 - Gastos do webdocumentário.....	54

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Pergunta de pesquisa	15
1.2 Objetivo Geral	15
1.3 Objetivos Específicos	15
1.4 Justificativa	15
2. REVISÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA	20
2.1 Documentário e Webdocumentário	20
2.2 Transição Demográfica e o Cenário Brasileiro	25
2.3 Entendendo o que é Geração	28
2.4 Geração Y e Geração Z	29
2.5 Impactos e Necessidades: Sociais, Políticos, Econômicos, Sanitários e Pessoais	32
2.6 O futuro da casa de todos	38
3. MEMORIAL DE PRODUÇÃO	41
3.1 Estrutura e Roteirização	41
3.2 Entrevistados	43
3.3 Produção	46
3.3.1 Gravação e Equipamentos	48
3.3.2 Identidade Visual	48
3.3.3 Edição e Finalização	52
3.3.4 Site	53
3.4 Orçamento	54
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
Anexo I - Estatuto do Idoso	61
Apêndice I - Pauta e Roteiro de Entrevista	64
Apêndice II - Modelo de Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz de Menores de 18 anos	67

1. INTRODUÇÃO

Este Memorial tem por objetivo mostrar as bases do webdocumentário “Como eu chego lá?”¹ que trata sobre como os jovens de hoje estão se preparando para o futuro, o que eles pensam sobre seus próprios envelhecimentos, quais as perspectivas da sociedade quando esses jovens chegarem à terceira idade e o que pode ser feito hoje para que a velhice dessas gerações não traga problemas graves e estruturais para eles e para o país.

Definir e classificar uma geração não é trabalho muito fácil. Ainda não existe um consenso na comunidade científica de quando começa e termina uma geração. Muitos aspectos estão envolvidos nessa análise como contexto histórico, fatores culturais e até biológicos. O certo é que desde os Baby Boomers, passando pela geração X, *Millennials* e geração Z, todas têm características que as diferenciam, como objetivos de vida, relações interpessoais e noção de futuro.

Um traço que traz uma cisão entre as gerações é a internet ou ambiente digital. Esse talvez seja o ponto de maior diferenciação entre as gerações atuais e as anteriores. Mas outra peculiaridade chama atenção. Enquanto Boomers e X pensavam, por exemplo, em casa própria, aposentadoria, poupança, estabilidade, os *Millennials* e *Zennials* estão mais interessados em desenvolvimento rápido, no imediatismo. Sendo assim, pode-se pensar que os mais novos não têm tanto a visão de futuro, ou seja, o pensamento a longo prazo. Será mesmo?

Uma outra face deste trabalho envolve o tempo, o envelhecimento. A expressão “ficando velho” é corriqueira na boca das pessoas, comum nos comentários em ocasiões como aniversários ou na virada de ano. A ordem natural das coisas, seja objetos, animais ou pessoas, é o envelhecimento. Afinal, esse “senhor”, como canta Caetano Veloso na música composta por ele, “Oração ao tempo”, parece ser “contínuo”.

O “ficando velho” se torna real, legalmente, a partir do momento que completamos uma idade. Essa idade que define se uma pessoa é ou não idosa (velha), tem mudado². No Brasil, a legislação prevê esse marco no Estatuto do Idoso, logo no primeiro artigo: “É

¹ O Trabalho de Conclusão de Curso deste Memorial pode ser acessado pelo link: <https://webdocumentariocom.wixsite.com/comoeuchegola>

² Na Itália, a noção de idoso sofreu alteração em 2018. Agora, só são considerados idosos no país europeu aqueles com 75 ou mais anos. Fonte: G1/Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/04/italia-muda-conceito-de-idoso-para-75-anos.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2021.

instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (BRASIL, 2003).

É nesse contexto de pensamento deste trabalho, que surgem alguns questionamentos importantes como: as atuais gerações se preparam para o futuro? Elas têm em mente que um dia também terão 60, 70, 80 ou 90 anos?

Nessa direção, Paulo Okamoto (2002) fala sobre as diferenças de realidades vividas em anos anteriores. Segundo ele, “há 50 anos, ficava-se velho aos 50. A aposentadoria chegava junto com as doenças, e fazer 100 anos, por exemplo, era tratado como um acontecimento mundial, com direito a inserção em livro de recordes” (OKAMOTTO, 2002, p. 392). Quando se trata da realidade atual, completa o autor, fazer “80, 90 ou mesmo 100 anos já não é grande novidade”.

Além disso, o Brasil vive desde a década de 60, do século XX, um declínio nas taxas de fecundidade (CARVALHO; WONG, 2008) o que impulsiona o fenômeno de transição demográfica. Esse é um processo em que o país caminha a passos rápidos e em 2050 a estimativa é de que a população brasileira seja composta por 19% de pessoas com mais de 65 anos, sendo que essa porcentagem deve continuar crescendo nos anos seguintes (CARVALHO; WONG, 2008).

De acordo com o IBGE, no primeiro trimestre de 2021³, o Brasil tinha ao menos 40 milhões de pessoas com 60 ou mais anos⁴. Se esse número aumentar em mais de 80%, como indica a projeção feita pelo instituto, a sociedade pode enfrentar problemas sérios para manter a previdência e oferecer uma saúde pública de qualidade. Esses são alguns exemplos de possíveis impactos. Por isso, agir hoje é importante para garantir as bases da sociedade futura.

É nesse cenário que o trabalho se ambienta. Para tratar da temática, o webdocumentário aqui proposto tem o objetivo de levantar essas e outras questões para debate na sociedade, pois procura responder perguntas como: Os jovens de hoje pensam no envelhecimento? Como as gerações que hoje têm entre 36 e 12 anos se preparam para assuntos como aposentadoria, saúde, políticas sociais para pessoas da terceira idade, mudanças climáticas? Esses temas têm espaço no imaginário da juventude atual? Quais

³ Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5918>. Acesso em: 05 ago. 2021.

⁴ Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5918>. Acesso em: 05 ago. 2021.

cenários poderão ser encontrados por essas gerações quando chegarem na velhice, levando em consideração também o grande número de idosos no futuro? Como o contexto atual influencia os quadros futuros? Que caminhos podem ser tomados para que não haja uma situação problemática no futuro?

1.1 Pergunta de pesquisa

Como construir um registro dos possíveis impactos do envelhecimento das gerações *Millennials* e *Zennials*?

1.2 Objetivo Geral

Produzir um material jornalístico audiovisual no formato webdocumentário que registre e discuta os possíveis impactos futuros do envelhecimento das gerações *Millennials* e *Z*, e como essas gerações se preparam para a terceira idade.

1.3 Objetivos Específicos

1.3.1 Produzir um webdocumentário que discuta os possíveis impactos futuros do envelhecimento das gerações *Millennials* e *Z*, e identificar como as gerações *Millennials* e *Z* se preparam para a velhice.

1.3.2 Levantar possíveis cenários ou retratos de como estará a sociedade e o mundo quando as gerações *Millennials* e *Z* atingirem a terceira idade.

1.3.3 Apontar como os jovens de hoje tratam, pensam e se preparam para assuntos como aposentadoria, saúde, políticas sociais para pessoas da terceira idade

1.3.4 Discutir possíveis ações que podem ser feitas hoje para que essas gerações tenham uma terceira idade mais confortável e estável.

1.3.5 Desafiar-me e estimular em mim os diferentes conhecimentos que foram aprendidos durante o período de formação em Jornalismo, como apuração, produção textual, produção audiovisual, edição, entre outras.

1.4 Justificativa

Considero esse tema como um amadurecimento de uma série de questionamentos que já levo há algum tempo, quando ainda percorria os corredores do ensino fundamental. Apesar

disso, ele não começa na escola, e sim dentro de casa. Assim como boa parte das atuais famílias brasileiras⁵, a minha também conviveu com dívidas e a preocupação em quitá-las. É a partir disso que comecei a pensar: não existe nenhuma outra maneira de viver sem ter dívidas ou sem se preocupar com elas?

A resposta para a pergunta é, obviamente, sim. Comecei então a guardar o dinheiro que ganhava em um ou outro momento e aos poucos fui me interessando por um assunto pouco visto nas escolas e universidades: a educação financeira, ou seja, como cuidamos das nossas finanças pessoais. Um dos aspectos ensinados por essa área de conhecimento é a importância de poupar e, principalmente, o para que, o motivo, de pouparmos. Geralmente ela nos leva a traçar metas, colocar objetivos e isso, no fundo, é pensar no futuro.

Aliado a essa inclinação pelo assunto, gostava da matéria de geografia. Uma das nuances que chamava atenção era a geografia populacional, que trata sobre demografia e estatísticas. Mas foi no meu período pré-vestibular que comecei a pensar mais no termo e no conteúdo sobre a transição demográfica e os efeitos desse processo. Ao ver imagens de pirâmides etárias de países que já passaram por esse caminho, como a Itália, ficava impressionado.

Ao entrar na faculdade, observei conhecidos, amigos e até não conhecidos e pouco era falado sobre essas questões. O tema da educação financeira, por exemplo, nem entrava nas rodas de conversa. Falar sobre se tornar um idoso também não era comum. Por vezes alguns até brincavam: “meu eu do futuro que se vire”. Mais um questionamento surgiu: a gente (jovens) se preocupa com o nosso envelhecimento?

Foi então que veio o debate da reforma da previdência. Em 2019, o Congresso Nacional promulgou o texto que mudou trechos na Constituição Federal sobre a Previdência Social⁶. Entre as mudanças provocadas está a criação da idade mínima de aposentadoria, 65 anos para homens e 62 para mulheres⁷. Eu estava estagiando na editoria de Política do Portal G1 e, na época, estava cobrindo o assunto na Câmara. A nova reforma afetou a minha geração. Não tem regra de transição para quem ainda não ingressou no mercado de trabalho,

⁵ Segundo pesquisa feita pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, em agosto de 2020, o número de famílias endividadas chegou a 67,5% (PEIC, 2020).

⁶ EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 103. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/31727296/publicacao/31727643>. Acesso em: 24 out. 2020.

⁷ Fonte: Estadão. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,como-fica-minha-aposentadoria-com-a-reforma-da-previdencia-aprovada-no-congresso,70003059742>. Acesso em: 24 out. 2020.

e como a maioria dos *Zennials* nasceram depois de 2000, muitos ainda não tinham chegado no mercado de trabalho. Nós não estávamos comentando sobre isso, nem sequer pensamos muito sobre isso.

É nessa evolução e contexto que surge a ideia de fazer algo para alertar, para gerar debate, para provocar a minha geração e os que estão ali começando a vida adulta, ou seja, os *Millenials* e *Zennials*.

Seguindo a lógica do ditado popular “é melhor prevenir do que remediar”, pensar em questões como estas hoje, são passos importantes para assegurar um amanhã mais seguro. Agir agora, nos tempos atuais, favorece na implementação de medidas com efeitos a longo prazo, como coloca José Carvalho e Laura Wong (2008). Os autores analisam a necessidade de tomar iniciativas no hoje, levando em consideração a natureza demográfica prevista para os próximos anos no Brasil. Na visão desses autores, ações tem que ser tomadas “para que não se transformem em problemas insolúveis”:

Em um país caracterizado pelo imediatismo, onde a sociedade não tem tradição de pensar e, conseqüentemente, assumir posições políticas que tenham como objetivos resultados no médio e longo prazos, a muitos pode parecer um simples exercício acadêmico, sem praticidade alguma, visualizar e analisar a evolução do tamanho e da estrutura da população brasileira nas próximas quatro ou cinco décadas. No entanto, há que se definir e implantar políticas públicas, de modo a tirar proveito das oportunidades criadas e a enfrentar os desafios a serem gerados pelo novo padrão demográfico (CARVALHO; WONG, 2008, p. 598).

A necessidade de pensar sobre o envelhecimento dessas gerações aumenta devido ao caráter de urgência imposto naturalmente pelo desafio da transição demográfica brasileira. Como observam alguns pesquisadores, o país dá passos largos e rápidos para mudar sua composição etária, se comparado com outros países que passaram ou estão finalizando esse processo. É o que verificam Gabriella Miranda, Antônio Mendes e Ana Lucia Andrade da Silva (2016, p. 511): “Ao contrário do que ocorreu em muitos países desenvolvidos, no Brasil, como observado, esse envelhecimento tem sido muito rápido”.

Quanto à forma como essa provocação seria feita, nunca tive dúvidas de que seria por meio de um produto jornalístico. O jornalismo audiovisual me pareceu a escolha mais certa, por ter texto, som e vídeo, o que reúne boa parte das formas de se fazer jornalismo que aprendemos na faculdade.

A escolha, dentro da variada gama de opções do Jornalismo Audiovisual, foi o webdocumentário. Quanto à eleição de um tipo de documentário, a explicação é o seu caráter

narrativo, que pode ter uma abordagem mais livre, mais autoral, buscando refletir sobre o tema. Como elucidou Luiz Gonzaga Motta (2005), o uso de uma narrativa midiática por parte dos profissionais da comunicação serve para provocar sensações até mesmo sensoriais:

Jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentido (MOTTA, 2005, p. 2).

Além disso, mesmo com uma abordagem mais autoral, o documentário não cai na armadilha de perda de credibilidade por deixar claro uma posição (GOMES, MELO E MORAIS, 2001). Com essa perspectiva, os documentários, geralmente, contam com uma “moral da história” e são atemporais - atuais hoje e também amanhã (GOMES, MELO E MORAIS, 2001), outros dois elementos que justificam a escolha pelo gênero.

A opção pelo webdocumentário tem a ver com seu potencial de crescimento. Os documentários interativos ou webdocs ou webdocumentários são entendidos ainda hoje como novidade (PENAFRIA, 2013), e são pouco explorados pelos veículos tradicionais.

Por estar na web, um ambiente que marca tanto a geração Y quanto a geração Z (também chamados de Nativos Digitais, tamanho o impacto), foi a característica que mais me chamou atenção para selecionar esse tipo de documentário. Se quero falar com a minha geração e com *Millenials*, o mais sensato é um produto na internet e com formato interativo.

Além disso, por reunir elementos multimídia e ser um tipo ainda inexplorado, o desafio se torna um estímulo. Um webdocumentário traz a perspectiva da pesquisa acadêmica, as opções de interação com texto, vídeo, áudio, imagens, ou seja, a oportunidade de exercer diversos conhecimentos que aprendi ao longo da minha trajetória acadêmica de formação jornalística.

Quanto ao estilo que o webdocumentário oferece, de quebra do conteúdo em diferentes partes e um caminho em que o usuário é o condutor, vejo como uma oportunidade de tratar o tema com várias nuances e facetas, já que ele tem fôlego para isso. Nesse sentido, o estilo seriado ajuda, pois ao invés de propor um único “gancho” - jargão utilizado no meio jornalístico para dizer que um assunto está relacionado a outro - poderão ser feitas várias abordagens. Além disso, o tema é extenso e complexo. Esse formato ajuda a desenvolvê-lo de forma parcelada, o que facilita no entendimento sobre o assunto.

Arlindo Machado (2000) trabalha a perspectiva dessas narrativas seriadas. Segundo ele, o *break* - tempo entre um episódio ou um bloco e outro - exerce uma função para além do fator comercial mostrado nas televisões. O *break* no webdocumentário acontece com essas transições e escolhas do usuário. Essa quebra tem “um papel organizativo muito preciso, que é o de garantir, de um lado um momento de ‘respiração’ para absorver a dispersão e, de outro, explorar ganchos de tensão que permitem despertar o interesse da audiência” (MACHADO, 2000, p. 88).

2. REVISÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA

Este projeto traz uma série de conceitos que inicialmente podem ser tratados de maneira independente, mas que são temas correlatos, que se complementam e precisam ser analisados juntos no contexto deste trabalho. É a partir dessa observação mais atenta que se lança as bases de “Como eu chego lá?”. Por isso, os próximos tópicos irão tratar: de definições do que seria documentário e webdocumentário; bem como do cenário brasileiro atual diante do fenômeno de transição demográfica; das discussões e das definições de geração; de alguns possíveis impactos no setor político, econômico e social com o envelhecimento das gerações Y e Z; e a finalização fica a cargo da apresentação de um panorama atual e de projeções com relação aos efeitos do aquecimento global no planeta.

2.1 Documentário e Webdocumentário

Como apresentado por Ivete Cardoso do Carmo-Roldão, Rogério Eduardo Rodrigues Bazi e Ana Paula Silva Oliveira (2007), a história do termo “documentário” começa nos anos 20 do século passado, com um sociólogo comentando um filme em um jornal de Nova York. Dizem os autores:

O termo documentário foi utilizado pela primeira vez nos anos 20 pelo sociólogo John Grierson no jornal *The New York Sun* ao comentar os filmes de Robert Flaherty. Nessa publicação definiu o gênero documentário como o "tratamento criativo da realidade" (CARMO-ROLDÃO; BAZI; OLIVEIRA, 2007, p. 112)

Já quando se trata de definir, o pesquisador Bill Nichols (2010) é cauteloso e afirma que a definição de documentário é sempre “relativa ou comparativa”. Nessa perspectiva, muitos dos autores, que serão apresentados neste Memorial, tratam as definições usando comparações. Jorge Nuno Oliveira (2007), por exemplo, quando explica documentário e reportagem faz uma série de paralelos, principalmente do ponto de vista da produção. Ele aponta que “o documentário é mais vasto, mais pausado, olha mais para o fundo do que para a superfície”, tem uma “investigação jornalística demorada e aprofundada”, além de “maior tempo de produção e de preparação” e “maior tempo de execução”. No entanto, só isso não basta para conceituar, e conseqüentemente, diferenciar o documentário de outros gêneros.

Carmo-Roldão, Bazi e Oliveira (2007) seguem a mesma linha de diferenciação, conseqüentemente, de definição, e elencam distinções com relação ao que os autores chamaram de “vídeo reportagem”. A primeira é o caráter autoral do documentário. Segundo

os pesquisadores, a autoria é “sempre evidenciada: seja na escolha do tema, na construção do roteiro e também na direção” (CARMO-ROLDÃO; BAZI; OLIVEIRA, 2007, p. 117).

Outra característica é a atemporalidade dos documentários. Como coloca Gomes, Melo e Morais (2001), os documentários não estão relacionados aos corriqueiros factuais e, por isso, podem ser atuais hoje ou daqui a dez anos. O que corrobora com a visão de Carmo-Roldão, Bazi e Oliveira (2007) ao dizerem que o traço factual é “dispensável” aos documentários.

O documentário “apresenta sugestões e críticas à leitura do tema abordado” (CARMO-ROLDÃO; BAZI; OLIVEIRA, 2007, p. 118). Essas sugestões e críticas, fazem parte de uma outra característica dos documentários: o caráter autoral. A neutralidade para tratar a temática desenvolvida de quem o produziu não é colocada em cheque:

Essa característica implica afirmar que o documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário, a parcialidade é bem-vinda. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia. [...] Por sua vez, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, o caráter autoral do documentário não depõe contra sua credibilidade. Afirmar que o documentário é marcado pela subjetividade do diretor não significa dizer que ele seja por natureza monofônico, isto é, que dê vez e voz a apenas um lado da história, omitindo outros. Não é isso o que acontece na maioria dos documentários. Geralmente, o documentarista busca ouvir a opinião de várias pessoas sobre determinado acontecimento ou personalidade, seja para confirmar uma tese (caso, por exemplo, dos documentários biográficos), seja para confrontar opiniões (caso dos documentários sobre conflitos urbanos, sociais, raciais, religiosos etc). No entanto, apesar de apresentar um emaranhado de vozes, que muitas vezes se opõem e se contradizem, uma voz tende a predominar: aquela que traz em si o ponto de vista do autor (GOMES, MELO E MORAIS, 2001, p. 5-6)

Além desses aspectos, Gomes, Melo e Morais (2001) colocam outros como a não obrigatoriedade de um narrador e uso de documentos. Estes podem ser materiais (quando já foram produzidos, como por exemplo uma fotografia ou uma página de jornal) e imateriais

(não tem um suporte material, como por exemplo relatos e depoimentos). Quanto ao fato de poderem não ter um narrador, os testemunhos e sequências de imagens dão a coesão sem a necessidade de um condutor claro, como é o narrador.

Voltando ao estudioso Nichols (2010), ele explica que todo filme é um documentário. Porém, ele faz uma divisão: os “documentários de satisfação” (que posteriormente ele classifica como ficções) e os “documentários de representação social”. Nesse sentido e com uma definição que melhor se encaixa para este projeto, Nichols (2010) define os documentários de representação social como:

[...] o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2010, p. 26 - 27).

O trabalho do autor se estende e cria seis modos ou tipos de documentários, ainda na perspectiva de documentários de representação social. De acordo com Nichols (2010), e com Carmo-Roldão, Bazi e Oliveira (2007), que também utiliza como base de seu artigo o autor estadunidense, os seis modos são:

1. Modo poético: se importa mais com a estética e a subjetividade. Prestigia planos e concepções mais autorais sobre o tema. Também pode utilizar de recursos como poemas e obras literárias no texto;
2. Modo observativo: tenta colocar o foco maior nos acontecimentos. Se preocupa mais com os fatos e os registros deles, sem uma exposição do diretor e sua equipe;
3. Modo participativo: deixa clara a participação do documentarista e de sua equipe. Pode aparecer também como um entrevistador, provocando o entrevistado a falar;
4. Modo reflexivo: coloca o jeito que ocorreu as gravações. Também percebe-se a relação entre o documentarista e o grupo de pessoas que irá tratar o tema;
5. Modo performático: marcado pela liberdade das câmeras e seus planos. Um exemplo dado é o cinema experimental;
6. Modo expositivo: talvez o mais comum entre todos, ele se preocupa com a argumentação do tema. Geralmente aparece com uma narração que dá ritmo e

seguimento às argumentações. São os que comumente se identificam como documentários.

Ainda nessa dinâmica, Nichols (2010) deixa claro que em um documentário um modo pode sobrepor o outro e nem sempre o documentário tem apenas um modo:

Os filmes, considerados individualmente, podem ser caracterizados pelo modo que mais parece ter influenciado sua organização, mas também podem combinar harmoniosamente os modos, conforme a ocasião (NICHOLS, 2010, p. 63).

Para este trabalho, o modo que melhor se adapta a ideia é o modo expositivo, porém, nada impede que não tenha traços de outros modos, como Nichols deixa explícito na citação acima.

Analisando ainda mais as nuances possíveis para um documentário, uma das formas mais recentes de se fazer esse tipo de material audiovisual são os webdocumentários ou também chamados de documentários interativos. Como o próprio nome já traz, esse tipo de documentário tem como plataforma de exibição a internet, ou seja, o meio online, digital.

A pesquisadora Manuela Penafria (2013) diz que “documentário não se define, experimenta-se” e a mais nova, ou pouco explorada, experimentação são os webdocumentários, realçando esse caráter de “novidade”. Além disso, ela destaca que, com esse novo tipo, os documentários se tornam interativos e o coloca como um “aliado” da tecnologia, no que se refere a “exercitar suas potencialidades”.

A autora continua a argumentação e explicação sobre o tema e logo faz a própria definição de webdocumentário, que se encaixa nas aspirações deste trabalho:

[...] definimos o webdocumentário como uma obra artística disponibilizada na internet que opera e apresenta um recorte poético do mundo da vida, sendo composta por uma interface que integra e relaciona elementos multimídia interativos (como texto, imagem, som) e outros elementos interativos de comunicação (como fóruns ou chats) (PENAFRIA, 2013, p. 152).

Outros autores também caminham nessa identificação dos documentários interativos. É o caso de Sandra Gaudezani (2009, apud SILVA, 2017, p. 7), que traz a participação do telespectador, e também usuário, como ponto fundamental na narrativa:

Se documentário linear exige uma participação cognitiva de seus telespectadores (muitas vezes visto como interpretação), o documentário interativo adiciona alguma participação física (decisões que se traduzem em um ato físico, como clicar, mover, falar, teclar etc...). Se documentário linear é feito de vídeo, de filme, o documentário interativo pode usar qualquer mídia meio existente. E se o documentário linear é

dependente das decisões do seu realizador (tanto durante as filmagens e edição), documentário interativo não tem necessariamente uma demarcação clara entre aqueles dois papéis (GAUDENZI, 2009, apud SILVA, 2017, p. 7, tradução do autor).

Além da interatividade, Penafria (2013), destaca a não-linearidade como uma das características dos webdocumentários. Mas outros autores defendem que nem todos os documentários interativos devem ser não-lineares.

Nesse sentido, Kate Nash (2012) elabora uma classificação baseada na estrutura dos webdocumentários que leva em consideração os textos desses tipos de documentários, as noções de linearidade ou não-linearidade e a interatividade. Segundo Nash (2012), pode-se classificar os webdocumentários em: narrativos, categóricos e colaborativos. Para a finalidade deste trabalho, somente a categoria webdocumentário narrativo será abordada.

De acordo com Nash (2012), os webdocumentários narrativos são feitos para facilitar a narrativa, ou seja, toda a estrutura construída na internet favorece o caminho narrativo. Os caminhos que os usuários podem seguir são produto de uma ideia sequencial de eventos, mesmo que eles não estejam em ordem cronológica. Nash diz:

Em outras palavras, é estruturado para privilegiar um modo de engajamento que é similar às tradicionais narrativas lineares dos documentários. Com o objetivo de atingir isso, o webdocumentário irá incluir uma posição central de narrativa (que pode ser feita pelo produtor do documentário, o usuário ou qualquer outra pessoa) e enfatiza a conexão causal entre os eventos. O usuário não precisa experienciar os eventos em ordem cronológica, mas a maneira como cada evento está estruturado e o documentário enquadrado torna a estrutura cronológica e a interação causal entre os eventos evidente (NASH, 2012, p. 203 – 204, tradução nossa).⁸

Pode-se pensar que esse tipo de webdocumentário cerceia a interatividade do usuário, o que o faria perder uma característica fundamental. No entanto, assim como Nash (2012), outros autores defendem que isso não acontece. Pedro Amorim e Vania Baldi (2013) são alguns deles. Na visão deles o “percurso da narrativa pode ser sequencial e linear”, mas não significa que não dê a opção de descobrir novos aspectos do webdocumentário no que eles chamam de “zonas de interatividade”.

⁸ *“In other words it is structured so as to privilege a mode of engagement that is similar to that of traditional linear documentary narratives. In order to achieve this the webdoc will include a central narrating position (this might be the documentary maker, the user or another individual) and emphasize the causal connection between events. The user need not experience events in chronological order, but the way in which events are structured and the documentary framed makes the chronological structure and causal relationships between events evident”.*

Nessa direção, nas considerações finais do artigo “Ética e estética da representação no Web-documentário”, Amorim e Baldi (2013) vão além e chegam a colocar esse tipo de fazer webdocumentário como alternativa de bons resultados:

[...] uma das melhores estratégias adotadas na criação de documentários interativos para a web é aquela de centrar e sobrepor a história/narrativa linear, ou com poucas bifurcações, aos elementos de interatividade, em vez de usar a interatividade como forma de performance tecnológica fulcral, ou como um hype da era em que vivemos. O autor, assim, tem um grau de responsabilidade maior, a entrega da história para o utilizador não é tão grande e despreendida, mas está-se a oferecer-lhe uma nova possibilidade de (re)construir uma versão parcialmente alternativa da representação (AMORIM; BALDI, 2013, p. 20-21).

Tal ideia de como fazer webdocumentário é a que melhor se encaixa na proposta apresentada de realizar um produto audiovisual como o proposto neste Memorial. Nos próximos tópicos, deixa-se as abordagens sobre as estruturas e formatos para entrar na temática propriamente deste trabalho.

2.2 Transição Demográfica e o Cenário Brasileiro

O fenômeno de transição demográfica começa no Brasil na metade final do século XX (CARVALHO; WONG 2008). É um processo caracterizado pela diminuição das taxas de fecundidade⁹ e de mortalidade¹⁰ (CARVALHO; WONG 2008). O efeito mais notório é uma transformação da estrutura etária do país (CARVALHO; WONG 2008), ou seja, uma mudança da pirâmide etária, que antes tinha uma base ampla (muitos jovens) e topo menor (menos idosos), o que se transforma em um formato mais retangular, com base menor (menos jovens) e topo de tamanho mais parecido ao da base (mais idosos).

Sucedem que a transição da mortalidade e a transição da fecundidade, forças motoras da transição demográfica brasileira, já avançaram muito, sendo muito improvável a reversão de suas tendências, diante das evidências históricas naqueles países que vivenciaram sua transição demográfica em épocas anteriores, especialmente aqueles da Europa Ocidental, entre o final do século XIX e segunda metade do século XX. (CARVALHO; WONG, 2008, p. 597)

A realidade futura do Brasil já é presenciada em países da Europa que passaram pelo processo de transformação etária. A Itália é um exemplo dessa nova estrutura. Enquanto 23% da população italiana é de pessoas com 65 anos ou mais, apenas 13,1% da população do país

⁹ De acordo com dados do IBGE, em 2000 a taxa de fecundidade era de 2,39. Em 2016, essa taxa caiu para 1,69 e a perspectiva é de que continue diminuindo.

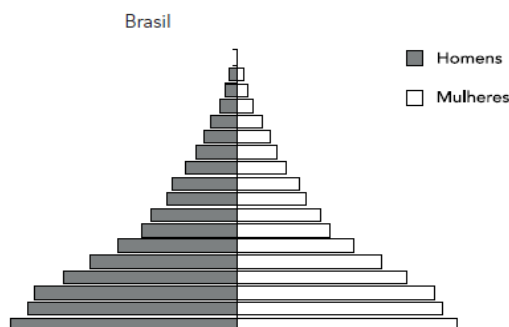
¹⁰ Quanto à taxa de mortalidade, dados do IBGE mostram que em 2000 a taxa era de 6,67 mortes por mil habitantes. No ano de 2015, a quantidade de mortes por mil habitantes foi de 6,08.

tem entre 0 e 14 anos (BANCO MUNDIAL, 2019). Outro país é a Grécia, que tem 21,9% de pessoas idosas contra 13,8% de crianças e adolescentes (BANCO MUNDIAL, 2019).¹¹

No cenário brasileiro atual, já é possível perceber as mudanças analisando somente o período de 2012 a 2019. Como informa a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua Anual (PNADCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), em 2012 os menores de 15 anos representavam 22,6% da população geral e as pessoas com 65 ou mais anos eram 8,8%. Já em 2019, essa proporção cai para os mais jovens e cresce na população idosa. Os dados indicam que nesse ano, as crianças e adolescentes menores de 15 anos eram 19,8% e a parcela da população com 65 ou mais anos era 10,8% (IBGE, 2019).

Os autores Carvalho e Wong (2008) ilustram o resultado desse processo ao longo dos anos. Em 1975 (Figura 1), a base do que se conhece como pirâmide etária era mais ampla. Já nos anos 2000 (Figura 2), houve um encurtamento da base e ampliação do centro. As previsões para 2025 (Figura 3) acentuam esse processo e também se observa uma ampliação das barras do topo, ou seja, aquelas que correspondem às idades mais avançadas.

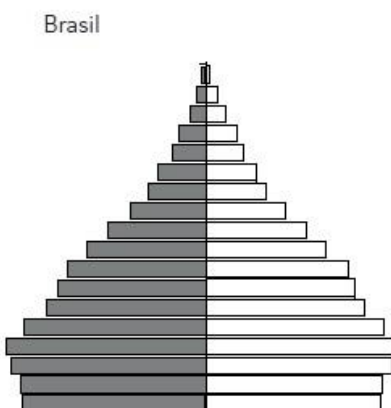
Figura 1 – Configuração da pirâmide etária do Brasil em 1975



Fonte: CARVALHO; WONG (2008, p. 599)

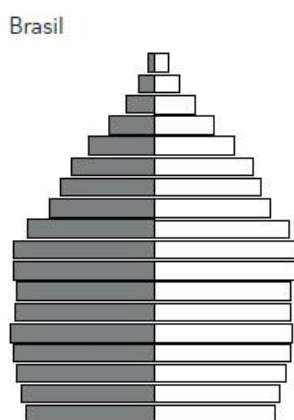
¹¹ De 2009 até os dias atuais, os dois países têm tido economias oscilantes. Em 2009, a Itália teve uma queda de 5,2% no PIB, e a Grécia uma redução de 4,3%. Em 2019, um ano antes da pandemia do Sars-CoV-2, os países tiveram resultados melhores, mas ainda assim abaixo da média mundial (2,2%): Itália, teve crescimento de 0,2% no PIB e a Grécia teve alta de 1,8%. Já em 2020, a queda foi acentuada: Itália com redução de 8,8%, e Grécia com redução de 8,2%. A nível de comparação, o Brasil nos mesmos anos: -0,1% (2009), 1,4% (2019) e -4% (2020). (BANCO MUNDIAL, 2021. Disponível em: <https://datos.bancomundial.org/>. Acesso em: 21 ago. 2021).

Figura 2 - Configuração da pirâmide etária do Brasil em 2000



Fonte: CARVALHO; WONG (2008, p. 599)

Figura 3 - Configuração da projeção da pirâmide etária do Brasil em 2025



Fonte: CARVALHO; WONG (2008, p. 599)

Nesse sentido, a transição demográfica traz novos desafios ao país, principalmente, no tocante às ações à população idosa, que deve sustentar um ritmo de crescimento em especial entre 2040 e 2050 (CARVALHO; WONG, 2008). Por isso:

[...] as políticas públicas voltadas aos idosos, como saúde e previdência social, sofrerão um incremento considerável de demandantes, decorrentes do envelhecimento populacional brasileiro, e como consequência o governo precisará destinar mais recursos à saúde dessa massa populacional (NASCIMENTO; DIÓGENES, 2020, p. 46).

Para entender melhor essas perspectivas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) traz projeções para o ano de 2060 que indicam uma cena muito semelhante

ao que já se observa na Itália e em outros países europeus. Segundo as projeções, a população brasileira absoluta deve ser cerca de 228 milhões de pessoas, das quais 14,7% serão de indivíduos menores de 15 anos e 25,5% terão 65 ou mais anos (IBGE, 2018).

Outro dado que corrobora as análises de crescimento da população idosa é a expectativa de vida. O IBGE (2021) divulgou que a expectativa de vida de um brasileiro em 2020 foi de 76,8 anos. Se comparado a 1991 (IBGE), no qual a expectativa era de 66,03 anos, houve um aumento de 16,3% em quase 30 anos.¹²

Como o trabalho consiste em tratar das gerações, que estão presentes nessa perspectiva de transição demográfica, o próximo tópico traz o conceito de geração que vem sendo discutido pelos pesquisadores há anos, principalmente dentro da sociologia. Também apresenta uma discussão, que melhor se aproxima aos objetivos deste projeto, sobre as gerações Y e Z, também discutida pelos pesquisadores há algum tempo.

2.3 Entendendo o que é Geração

Nos tempos atuais, existe o desafio de conceituar o que é geração e para isso pode-se seguir algumas correntes de pensamentos. O certo é que, como coloca Bortolazzo (2016), o conceito de geração pode partir de um caráter histórico, pode ser algo relacionado ao sentido biológico ou até mesmo ter origem nas questões culturais e de identidade. O ponto de partida é amplo e por isso a dificuldade em conceituar esse termo.

Concretamente, a reflexão sobre o conceito de geração e suas respectivas consequências não é recente. Auguste Comte, fundador do positivismo e pai da sociologia, começa a dar forma ao conceito sociológico de geração relacionando mais com a idade do que com outros fatores e fala sobre o fenômeno de uma geração suceder a outra (BORTOLAZZO, 2016).

Na perspectiva de Comte, a duração de uma geração seria de 30 anos, espaço de tempo no qual o pai vê seu filho capaz de reproduzir, quer dizer, o menino chega à puberdade aos treze, quatorze anos, idade em que pode considerar-se fértil. Aquele que o produziu, vindo ao mundo ao fim de nove meses, pode, por sua vez, em seu décimo quinto ano de vida, ter reproduzido um ser “igual” a ele mesmo. Aproximadamente 30 anos era a média de tempo que se estimava para calcular a idade de formação entre uma geração e outra. Essa tem sido a noção clássica do conceito de geração, em que o progresso é visto como o resultado equilibrado entre as mudanças produzidas pela nova geração e certa estabilidade mantida pelas gerações mais antigas (BORTOLAZZO, 2016, p. 126).

¹² Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73097>. Acessado em 27 de jan de 2022.

Numa visão diferente da de Comte, Karl Mannheim defende outros aspectos para a definição de geração. A perspectiva de Mannheim vai além da análise propriamente biológica, ou seja, do período de nascimento (FEIXA; LECCARDI, 2010). Para ele, a formação de uma geração estaria relacionado com o “processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 189).

Nessa mesma visão, Alda Britto da Motta (2010), amplia os horizontes e traz, de forma sintética, o que seria geração para o campo da sociologia.

O sentido mais plenamente sociológico, ou macrosociológico – geração, propriamente dita – designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal (MOTTA, 2010, p. 229).

Essa é a definição que será adotada neste Memorial. É a partir dela que o trabalho irá abordar especificamente duas gerações: Y e Z, ou mais conhecidas como *Millennials* e Nativos Digitais. O próximo tópico abordará os períodos que os pesquisadores têm dado para elas, bem como os aspectos que as caracterizam.

2.4 Geração Y e Geração Z

O século XX deu à humanidade ao menos quatro gerações reconhecidas e estudadas pelos pesquisadores e estudiosos: os *Baby Boomers*, a geração X, os *Millennials* e a geração Z. Alguns, chegaram até a colocar uma geração anterior aos *Boomers*, os *Builders*¹³, que seriam os nascidos entre 1930 e 1945 (MCCRINDLE; WOLFINGER, 2009). Os mesmos autores também apresentam o espaço dos nascimentos dos bebês pós-guerra, que segundo eles seriam entre 1946 e 1964 (MCCRINDLE; WOLFINGER, 2009).

No entanto, não há conclusões unânimes quanto à data que as outras gerações vieram ao mundo. Para Schroer (2008), a geração X nasceu entre 1966 e 1976, enquanto Fernando del Castro (2010) coloca entre 1970 e 1981. Os autores australianos McCrindle e Wolfinger (2009) dizem que a geração X nasceu entre 1965 e 1979.

Nessa direção, também surgem amplos marcos temporais para a geração que está em foco neste trabalho, a geração Y. Fernández del Castro (2010) coloca que a geração Y

¹³ Os construtores (em tradução livre deste pesquisador) nasceram em meio a dois eventos históricos: a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, como destaca McCrindle (2009).

compreende os nascidos entre 1982 e 1993. Já para Schroer (2008) os *Millennials* vieram ao mundo entre 1977 e 1994. McCrindle e Wolfinger (2009) também definem a data dessa geração:

A geração Y são aqueles nascidos entre 1980 até o final de 1994. Essa é uma definição demograficamente confiável. Em 1980, o número de nascimentos mais uma vez começou a aumentar, atingindo um pico de 264.151 nascimentos em 1992- o maior número de nascimentos desde 1972, até essa data. Os nascimentos foram decaindo nos anos seguintes da década de 90, atingindo a menor taxa de nascimentos em 2001 (1.7 bebês por mulher), então começaram a recuperar, o que tem durado no restante da década (MCCRINDLE; WOLFINGER, 2009, p. 11, tradução nossa).¹⁴¹⁵

Esta definição do período de nascimento será a observada neste Memorial. Nesse sentido, Siqueira, Albuquerque e Magalhães (2012) apontam algumas características dos *Millennials*. Na visão dos autores, diferente dos seus ancestrais, essa geração tenta convergir lazer e bem-estar com a dinâmica do trabalho. Além disso, é a primeira geração a ter contato com esse ambiente digital e da internet, o que não os torna nativos desse meio, mas eles convivem com esse meio tecnológico e tem facilidade para isso.

Ainda de acordo com os autores, essa é uma geração que não utiliza manuais e que experimenta e improvisa. Para isso, Siqueira, Albuquerque e Magalhães (2012) chegam a dizer que são uma “geração da tentativa e do erro”. É uma geração que muda a forma de se comunicar dentro e fora de casa.

Outras características apresentadas são a intolerância ao autoritarismo e a generosidade quando se tornam líderes. Também experimentaram uma liberdade em casa que nem uma outra teve.

A geração seguinte e que também é objeto deste projeto é a geração Z, também chamada de *Zennials* ou *Centennials*. Dentro da discussão específica no tocante a essa geração surge também o pedagogo Marc Prensky (2001), que foi um dos primeiros a trazer uma designação que se reconhece até os dias atuais. Prensky não classifica ou denomina outras gerações, por isso não foi incluído na abordagem da geração Y ou das demais. Ele denominou a geração Z como os “Nativos Digitais”:

¹⁴ “*The Y-ers are those born between 1980 and 1994 inclusive. Again the definition is demographically reliable. In 1980 the number of births once more began to gradually increase, hitting a peak of 264 151 births in 1992 – at the time the highest number of births since 1972. The births then dropped away through the rest of the 1990s, hitting the lowest birth rate ever in 2001 (1.7 babies per woman) before beginning a recovery which has lasted the rest of the decade*”.

¹⁵ A taxa de nascimento citada pelo autor se refere à Austrália, país de origem do autor.

Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais. Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet. (PRENSKY, 2001, p. 1)

Sobre quando nascem esses Nativos Digitais, mais uma vez os pensadores das relações geracionais divergem. Fernández del Castro (2010) coloca que os *Zennials* nasceram entre 1994 e 2005. Para Schroer (2008), esses nasceram entre 1995 e 2012. McCrindle e Wolfinger (2009), autores adotados para este trabalho, tem um período parecido ao de Schroer:

Com a normalização das taxas em 1995, nós tivemos o início da geração Z. [...] Dada a nova definição de período de geração (15 anos), 2009 marcou o fim da Geração Z e 2010 o início da próxima geração: Geração Alfa (MCCRINDLE; WOLFINGER, 2009, p. 12 e 14, tradução nossa).¹⁶

Siqueira, Albuquerque e Magalhães (2012) também apontam características da geração Z. Para eles, diferente das gerações passadas, os *Zennials* não veem os avanços tecnológicos, a internet, os celulares como novidades porque isso já faz parte do dia a dia deles, pois são a primeira geração a nascer nesse contexto.

Outro ponto levantado pelos pesquisadores é a capacidade de realizar multitarefas, ou seja, fazer várias coisas ao mesmo tempo, como assistir TV, tuitar e ouvir música, isso tudo dentro de um mesmo intervalo de tempo. Além disso, por já estarem associados a um ambiente que é constantemente mutável, os autores também colocam que as pessoas dessa geração tendem a ser mais imediatistas e críticas, mas podem mudar de posicionamento diversas vezes.

Os pesquisadores citam ainda uma frequente preocupação com as questões ambientais e a capacidade de se tornarem profissionais mais versáteis e flexíveis. Como desafio para essa geração, eles apontam que um deles é a seleção de informações, o que mais uma vez difere das gerações anteriores. Não faltam informações a geração Z, mas a questão é “aprender a selecionar e separar o joio do trigo” (SIQUEIRA; ALBUQUERQUE; MAGALHÃES, 2012, p. 5).

¹⁶ “As birth rates picked up in 1995, we had the beginnings of Generation Z. [...] Given the new definition of a generational span (15 years), 2009 marked the end of Generation Z and 2010 the start of the next generation: Generation Alpha”.

Com os conhecimentos dessas novas gerações em mente, no próximo tópico serão tratados assuntos relacionados ao envelhecimento dessas gerações e as prováveis consequências desse processo natural, a velhice.

2.5 Impactos e Necessidades: Sociais, Políticos, Econômicos, Sanitários e Pessoais

Quando se fala de possíveis impactos e se pensa nas instituições democráticas como duradouras é importante observar a legislação. No caso do Brasil, a Constituição garante direitos a todos os brasileiros, mas existem algumas leis próprias que especificam e garantem os direitos às pessoas idosas. Entre elas, destaca-se o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) que coloca obrigações ao Estado e à sociedade e aborda o que deve ser assegurado às pessoas com idade avançada.

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003).

Nesse sentido, caso se queira garantir esses direitos aos idosos do futuro é necessária uma readequação de forma urgente, pois a atual sociedade já está atrasada, devido ao rápido processo de transição demográfica brasileiro (WONG; CARVALHO, 2006). Uma reformulação de pensamento que deve passar pelo Estado e pelas políticas públicas propostas e executadas por ele:

[...] as bases demográficas da economia e da sociedade têm se transformado rapidamente, exigindo um ajuste rápido e adequado que não se realizará sem a intermediação do Estado através de políticas públicas fundamentais (BRITO, 2007, p. 14).

Tais políticas públicas só terão efeitos a longo ou até longuíssimo prazo, mas são necessárias, pois quando se pensa no envelhecimento dos *Millennials* e *Zennials* esse processo também é a longo prazo. É o caso da previdência social e das demandas de saúde. Na área econômica, isto é, na previdenciária, é certo para alguns estudiosos que haverá uma pressão sobre esse setor, pois a forma como foi construído o sistema previdenciário brasileiros seria “para atender a uma demanda representada pelo aumento do emprego assalariado e pela brevidade do período da aposentadoria” (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016, p. 513). Porém, como mostrado no tópico sobre a transição demográfica, os idosos

estão vivendo mais - o que representa uma evolução enquanto sociedade - isto é, significa que os Y e Z também viverão mais, caso se mantenha esse fenômeno já observado durante anos. Além disso, o cenário brasileiro atual é de alta no desemprego (SILVEIRA, 2020).

Essa atual conjuntura, leva a algumas previsões mais pessimistas. Segundo Laura Wong e José Carvalho (2006), a transição estatutária pode gerar uma “janela de oportunidades”, no entanto, caso não seja aproveitada, pode produzir uma situação de dificuldade não só para os futuros idosos, mas também para o país como um todo.

Como já foi visto, a transição demográfica levará, com o passar dos anos, uma grande quantidade de pessoas ao nível de população economicamente ativa, isto é, pessoas com potencial de trabalho, sendo excluídos estudantes, aposentados, inválidos, presos, pessoas que vivem de renda e pessoas sem ocupação (IBGE, Séries). Wong e Carvalho (2006) dizem que isso pode ser uma janela de oportunidades, porque, caso haja geração de emprego suficiente para ocupar essa grande quantidade de indivíduos, a tendência é que se aumente a arrecadação de impostos, pelo menos por um período.

No entanto, o pessimismo vem quando se analisa o outro lado, isto é, caso esse grande número de pessoas não consiga empregos e se mantenham com subempregos, causaria uma arrecadação menor do que a possível. Outro fator colocado pelos autores é um aumento considerável nas despesas de Estado devido à transição etária (WONG; CARVALHO, 2006). Caso isso aconteça, o que espera os idosos *Millenials* e *Zennials* é um país com um enorme déficit fiscal e conseqüentemente com problemas para honrar compromissos, como a aposentadoria deles:

Em resumo, se as atuais receitas e despesas governamentais per capita continuarem constantes, a diferença entre receitas e despesas expandir-se-á velozmente, com o risco de tornar insustentável o débito fiscal (WONG; CARVALHO, 2006, p. 16).

Quando se olha para a perspectiva positiva, ou seja, boas condições de emprego para essa população que está no período de produtividade, o cenário pode ser melhor. Na hipótese da criação desses empregos, e aumento da arrecadação, isso traria um período de aumento das receitas para o Estado. No entanto, para evitar a situação de catástrofe não basta apenas isso, mas um empenho dos governantes de investirem esse superávit de receitas em programas e políticas públicas que visem garantir os direitos dos idosos, neste caso dos futuros idosos, bem como a não falência do país (WONG; CARVALHO, 2006).

No cenário mais negativo, não só as aposentadorias estão ameaçadas, mas também serviços de saúde, que são essenciais para a população idosa, pois a perspectiva é de que se aumente os gastos de saúde nessa faixa de idade (WONG; CARVALHO, 2006). Nesse sentido, os autores fazem um alerta que imprime o imediatismo sobre essa questão sanitária:

Os investimentos neste campo, pela sua própria natureza, levam considerável tempo para frutificar. A definição e implementação de uma nova política nesta área deveriam merecer a maior das atenções, para evitar, no médio e longo prazos, problemas gravíssimos, dado o rápido processo de envelhecimento da população (WONG; CARVALHO, 2006, p. 22).

Outro efeito da transição demográfica e seus impactos é a chamada transição epidemiológica, ou seja, uma mudança das doenças mais comuns enfrentadas por uma população (SAAD, 2016). No caso brasileiro, com a transferência de jovens e adultos para a fase seguinte da vida, há também uma transferência de doenças:

“[...] em vez de processos agudos que ‘se resolvem rapidamente’ por meio da cura ou do óbito, as doenças crônicas não-transmissíveis¹⁷ passam a predominar e com elas mais incapacidades e maiores gastos públicos” (COSTA; PORTO; SOARES, 2003, p.8).

Com o aumento no número de casos de doenças crônicas, aumenta também a demanda na saúde, que é um direito garantido pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003). Sobre o custo, o autor André Nunes (2004) fez uma análise sobre o valor dos procedimentos médicos empregados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em diferentes idades. Nesse sentido, sabe-se que há, atualmente, um aumento de custos na faixa etária dos idosos, mas a explicação não é o preço dos procedimentos - que poderiam ter uma elevação por serem voltados a pessoas idosas - mas sim a frequência com que são utilizados. Diz o autor:

Esse resultado mostra que, pelo menos no que se refere aos serviços oferecidos pelo SUS, não se verifica a hipótese de que os custos médios dos procedimentos realizados em idosos sejam mais caros do que aqueles das idades mais jovens. A elevação das despesas com saúde dos idosos não é explicada pela elevação dos custos dos procedimentos e, sim, pela frequência, ou seja, pelo consumo mais elevado destes (NUNES, 2004, p. 433).

Se considerarmos que em 2060 teremos mais de 32% da população na faixa etária de idosos (IBGE, 2018), então é de se considerar que essas despesas serão muito maiores do que as de hoje, em que a população idosa representa cerca de 19% dos brasileiros (IBGE, 2021).

¹⁷ São exemplos de doenças crônicas não transmissíveis segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS Brasil): doenças cardiovasculares, câncer, diabetes Mellitus, doenças respiratórias crônicas. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=569:conceito-doencas-cronicas-nao-transmissiveis&Itemid=463. Acesso em: 12 dez. 2020.

Traduzindo metaforicamente o que Nunes (2004) pesquisou, em uma situação hipotética, se em um grupo de 200 pessoas apenas 38 (19% do total) são idosos e eles utilizam o SUS com uma média de 3 vezes ao ano, logo serão 114 acionamentos do SUS anuais. Entretanto, aplicando a proporcionalidade dos dados de 2060, esse grupo deve ter 228 pessoas e 73 (32% do total) são idosos. Mantendo-se a frequência de 3 acionamentos do SUS ao ano, o número total de utilizações dos idosos será de 219. Vale ressaltar que em 2060, nascidos em 1995 terão 65 anos (pertencentes a geração Z, conforme os tópicos acerca das gerações) e os nascidos em 1980 terão 80 anos (pertencentes a geração *Millennials*, também abordado nos tópicos sobre gerações).

No entanto, quando se trata de saúde, não só o dinheiro ou a definição de despesas para essa área é importante. Outros assuntos são igualmente importantes, como os medicamentos e a formação de profissionais para cuidar dessas pessoas.

Nessa direção, alguns autores têm defendido políticas que visem melhorar a assistência à medicação dos idosos. André Baldoni e Leonardo Pereira (2011) fazem uma alerta sobre o comprometimento da área farmacológica caso não haja atenção adequada:

Sendo assim, podemos presumir que, se não houver um planejamento adequado da gestão da Assistência Farmacêutica, com conhecimento sobre o perfil farmacoepidemiológico dessa faixa etária, as dificuldades tendem a aumentar e o acesso e uso racional dos medicamentos que são objetivos primordiais da Política Nacional de Medicamentos (PNM) (Brasil, 1998) podem ficar comprometidos (BALDONI; PEREIRA, 2011, p. 315).

Uma demanda crescente é a de profissionais de saúde voltados a áreas de geriátricas e gerontologia, e deve atingir o seu ápice de necessidade entre 2050 e 2060, cenário em que se terá grande parte da população em idade avançada. Elas serão profissões de importância significativa para a sociedade e sua formação deve ser tratada como “prioridade”, com início na formação primária até os níveis de maior especificação desses profissionais (WONG; CARVALHO, 2006; COSTA, PORTO; SOARES, 2003).

Além disso, abre-se uma janela de oportunidade mais específica, voltada para a inovação, “que poderá levar ao surgimento de novas profissões e, conseqüentemente, de novos cursos universitários” (COSTA, PORTO; SOARES, 2003, p. 10). Paulo Saad (2016) apresenta algumas dessas oportunidades, principalmente no setor privado, entre elas a implementação de seguros de cuidados continuados, moradias com serviços de enfermagem

para idosos e até mesmo mídias com objetivo de trazer assuntos de medicina e reabilitação das pessoas idosas.

Quanto a outras questões sociais, a família é um parâmetro importante para ser observado e tem papel relevante no cuidado com os idosos, seja no auxílio de questões financeiras ou no auxílio à saúde (WONG; CARVALHO, 2006; COSTA, PORTO; SOARES, 2003). Essa interação família e idoso é um dos fatores responsáveis pelo bem-estar dessas pessoas: “os estudos chegaram a um acordo geral de que relacionamentos familiares harmoniosos estão relacionados ao bem-estar psicológico do idoso. [...] ‘Intimidade com distância’ é a fórmula que define o estilo de vida ótimo para os idosos” (LEHR, 1999, p. 16).

Porém, ao olhar para o futuro tendo como base o contexto atual, essa relação com a família¹⁸ estaria cada vez mais limitada, pois o que vem ocorrendo na sociedade é um fenômeno de singularização, marcado pela diminuição de casamentos e o crescimento de divórcios (LEHR, 1999), além da constante e gradual diminuição da taxa de fecundidade, o que implica em um menor número de filhos. De acordo com dados do IBGE (2019), o número de casamentos registrados¹⁹ em 2019, sejam eles entre cônjuges de sexo oposto ou do mesmo sexo, é 10% menor do que o registrado em 2015. Já quando se trata de divórcios com processos encerrados em primeira instância ou por escrituras extrajudiciais, o número mais que duplicou em 10 anos: em 2019 foram 383.286 registros, enquanto que em 2009 esse número era de 139.641. Essa situação pode gerar encadeamentos como uma necessidade ainda maior de moradias de cuidados a idosos, como os asilos (COSTA, PORTO; SOARES, 2003).

Como disse Ursula Lehr, “o envelhecimento saudável é o resultado de um processo ao longo da vida” (LEHR, 1999, p. 32), e passa por um planejamento para que se tenha uma melhor condição de vida. No entanto, diferentemente de outras culturas, os brasileiros não

¹⁸ Vale ressaltar que os conceitos de família em 2021 não se resumem apenas ao casamento de homem e mulher com seus filhos. A Constituição garante ao menos mais dois módulos familiares: um genitor e filhos; um genitor, filhos e o companheiro do genitor. Além disso, uma decisão do Supremo Tribunal Federal também considera uma unidade familiar a união estável entre pessoas do mesmo sexo, bem como se esses tiverem filhos. Mesmo que a autora não tenha considerado outras concepções sobre o assunto, em 2021 elas devem ser consideradas.

¹⁹ Como o IBGE traz dados de casamentos, eles foram os únicos utilizados. Mas existem famílias constituídas de pai(mãe) e filho, de tia(o) e sobrinho(a)(s), entre outros. Além disso, existem ainda aqueles que vivem juntos mas não têm uma união firmada em cartório.

são muito preocupados em planejar, uma questão cultural que tem relação com as hiperinflações vividas entre os anos 80 e 90 (FRANÇA, 2011).

Ao analisar os comportamentos de diferentes gerações, Lúcia França (2011) afirma que, na hora de buscar um trabalho, a geração Y não está muito atraída por uma empresa devido a complementação da aposentadoria e muitos só "contribuem porque são forçados por lei". Quando se trata de programas de aposentadorias privadas proporcionados pelas empresas, as gerações Y e Z não querem se preocupar em correr atrás disso e gostariam que seus patrões os colocassem nesses programas de forma automática (FRANÇA, 2011). Além disso, eles também acreditam que: "os benefícios para os idosos e para o meio ambiente deveriam ser de responsabilidade do governo, de forma permanente. Segundo esses jovens, uma vez que isso fosse providenciado, o padrão de vida das gerações futuras estaria protegido" (FRANÇA, 2011, p. 54).

Nesse sentido, é importante explorar aspectos como a educação financeira. Como sustenta o artigo "Educação Financeira na Terceira Idade: Uma Análise na cidade de Marau-RS", pessoas que não tem essa noção de planejamento podem comprometer suas rendas e gerar uma situação futura de endividamento (PIRES; DELIBERAL; DECESARO; CUCCHI, 2019).

Conforme explicam os autores, o planejamento da aposentadoria deve ser tratado com atenção, além de envolver pontos como necessidades e desejos:

O planejamento da aposentadoria é um dos aspectos mais importantes da educação financeira. O aumento do custo de vida na terceira idade é mais um ponto para cautela. Muitos gastos sobem quando já estamos aposentados. Esse é o caso, por exemplo, dos gastos com planos de saúde e com medicamentos em geral. [...] Para alguns, a aposentadoria pode envolver a realização de viagens e cursos ou a dedicação a hobbies e a projetos sociais (PIRES; DELIBERAL; DECESARO; CUCCHI, 2019, p. 4-5).

Com base em tudo que foi apresentado, Gabriella Miranda, Antônio Mendes e Ana Lucia Andrade da Silva (2016) resumem o que esperar nos anos que virão:

Com o envelhecimento da população e a menor relação entre população ativa e dependente, sem uma estrutura familiar capaz de dar suporte aos idosos e carente de estruturas de apoio para essa população, a sociedade deve estar consciente do preço que terá de pagar e do custo crescente da assistência à população idosa. E o Estado deve estar preparado para o provimento de políticas específicas, para o financiamento de estruturas de apoio, bem como para o monitoramento das suas atividades. Garantindo, assim, uma atenção integral, reconhecendo suas características e especificidades e consagrando sua qualidade de vida. Este é o desafio para a sociedade e para o Estado nas próximas décadas (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016, p. 518).

Outra questão problemática dos últimos anos é a situação do meio ambiente ou as mudanças climáticas. O próximo tópico pretende abordar de forma mais específica essa situação.

2.6 O futuro da casa de todos

As questões ambientais e climáticas têm ganhado espaço nos últimos tempos. As consequências das mudanças climáticas na “casa comum”²⁰ se apresentarão em diferentes formas e afetarão variadas áreas, segundo estudos de instituições de pesquisas ligados ao tema. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) vem estudando e apresentando informações sobre os possíveis impactos da crise ambiental no setor da agropecuária. Bettiol, Hamada, Angelotti, Auad e Ghini (2017) revelam a preocupação com relação à segurança alimentar dos próximos anos. Os autores também alertam que o raio de impacto das mudanças climáticas poderá ser sentido também na economia e que ações devem ser tomadas o mais breve:

Os efeitos das mudanças climáticas sobre a produção agrícola e pecuária deverão ser intensificados com o tempo. Assim, ações de mitigação e adaptação necessitam ser tomadas o quanto antes. Entretanto, para adoção destas medidas, é necessária a geração de conhecimento sobre os possíveis impactos na produção agrícola, e, em particular, na ocorrência de problemas fitossanitários. Os problemas fitossanitários podem interferir no fornecimento de alimentos, afetando diretamente a economia. (BETTIOL; HAMADA; ANGELOTTI; AUAD, 2017, p. 13)

O cenário que provoca esses efeitos é o que cientistas classificam como aquecimento global. Esse fenômeno promove as mudanças climáticas. Já não se discute mais se o planeta irá esquentar e sim medidas para minimizar esse aumento das temperaturas.

O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC) é formado por cientistas de todo mundo e monitora e cria relatórios para a Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o assunto. Segundo o IPCC (2019), a temperatura do ar subiu em média mais de 1,5°C entre 1890 e 2015, enquanto a temperatura

²⁰ O Pontífice da Igreja Católica, Francisco, escreveu em 2015 uma encíclica intitulada “*Laudato si*” em que chama o planeta de a “casa comum”. Nesse documento, o Papa Francisco (2015) trata também dos efeitos das mudanças climáticas: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. [...] As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento” (FRANCISCO, 2015).

da superfície terrestre aumentou 0,87°C no mesmo período. Outro informe do IPCC (2018) traz o dado de que as atividades humanas já aumentaram a temperatura, de uma forma geral, em 1 °C do final do século XIX até o ano de 2017.

Quanto às projeções, um documento do IPCC publicado em agosto de 2021, levanta cinco possíveis quadros futuros de aumento da temperatura. O cenário mais animador, com uma realidade de carbono neutro - quantidade de emissões é igual a quantidade absorvida - a partir de meados de 2050, prevê que o aumento da temperatura fique entre 1 °C e 1,8°C de 1890 a 2100. Se a humanidade manter o ritmo atual de emissão de carbono, a projeção é de que essa subida da temperatura deve ficar entre 2,1 °C e 3,5 °C. O pior cenário traçado, com aumento das emissões de CO₂, traz uma subida média entre 3,3 °C e 5,7 °C.

O IPCC (2019) também mapeou possíveis impactos com diferentes aumentos de temperatura. Além da segurança alimentar e da economia, outros efeitos já são previstos pelos cientistas, como secas extremas, escassez de água e incêndios florestais mais constantes:

Os níveis atuais de aquecimento global estão associados a riscos moderados produzidos por uma maior escassez de água nas regiões áridas, a erosão do solo, a perda de vegetação, danos provocados por incêndios florestais, derretimento da permafrost, a degradação costeira e a diminuição da produtividade de cultivos tropicais (nível de confiança alto). Se prevê que os riscos, incluindo os riscos em sequência, sejam cada vez mais graves à medida que aumentam as temperaturas. Com um aquecimento global em torno de 1,5 °C, se prevê que os riscos de escassez de água nas regiões áridas, danos provocados por incêndios florestais, degradação da permafrost e instabilidade no abastecimento de alimentos sejam elevados (nível de confiança médio). Diante de um aquecimento da ordem de 2 °C, se prevê que os riscos da degradação da permafrost e a instabilidade no abastecimento de alimentos seja muito elevado (nível de confiança médio). Além disso, com um aquecimento global em torno de 3 °C, também se prevê que o risco de perda de vegetação, os danos provocados por incêndios florestais e a escassez de água nas regiões áridas seja muito elevado (nível de confiança médio). Os riscos de seca, de estresse hídrico, de fenômenos relacionados a calor como a ondas de calor e a degradação do ambiente aumentam simultaneamente com um aquecimento entre 1,5 °C e 3 °C (nível de confiança baixo) (IPCC, 2019, p. 17, tradução nossa)²¹

²¹ “Los niveles actuales de calentamiento global se asocian a riesgos moderados derivados de una mayor escasez de agua en las zonas áridas, la erosión del suelo, la pérdida de vegetación, los daños provocados por los incendios forestales, el deshielo del permafrost, la degradación costera y la disminución del rendimiento de los cultivos tropicales (nivel de confianza alto). Se prevé que los riesgos, incluidos los riesgos en cascada, sean cada vez más graves a medida que aumenten las temperaturas. Ante un calentamiento global de alrededor de 1,5 °C, se prevé que los riesgos derivados de la escasez de agua en las zonas áridas, los daños provocados por los incendios forestales, la degradación del permafrost y la inestabilidad del suministro de alimentos sean elevados (nivel de confianza medio). Ante un calentamiento global de alrededor de 2 °C, se prevé que el riesgo derivado de la degradación del permafrost y la inestabilidad del suministro de alimentos sea muy elevado (nivel de confianza medio). Además, ante un calentamiento global de alrededor de 3 °C, también se prevé que el riesgo derivado de la pérdida de vegetación, los daños provocados por los incendios forestales y la escasez de agua en las zonas áridas sea muy elevado (nivel de confianza medio). Los riesgos derivados de las sequías, el

Além dos efeitos climáticos e ambientais, também são esperadas repercussões no bem-estar e saúde humana, nas cidades e até no turismo. A mortalidade por calor deve aumentar, assim como os casos de dengue e malária (IPCC, 2018). Os centros urbanos deverão sofrer mais com as ondas de calor e o processo de migração para elas deve ser acentuado nas localidades que vivem de agricultura (IPCC, 2018). No aspecto do crescimento econômico, o IPCC também prevê impactos maiores nas regiões localizadas nos trópicos e nos subtrópicos do hemisfério Sul (IPCC, 2018). É neste cenário, com os desafios ambientais e suas consequências, que as gerações Y e Z chegarão à terceira idade, por isso também a urgência da tomada de ações que visem mitigar esses efeitos.

estrés hídrico, los fenómenos relacionados con el calor como las olas de calor y la degradación del hábitat aumentan simultáneamente ante un calentamiento de entre 1,5 °C y 3 °C (nivel de confianza bajo)''.

3. MEMORIAL DE PRODUÇÃO

Depois de apresentar, discutir e aprofundar a base teórica deste projeto, esta parte é dedicada a mostrar como foi o processo de produção até chegar ao resultado final, o webdocumentário “Como eu chego lá?”, que pode ser acessado em <https://webdocumentariocom.wixsite.com/comoeuchegola>. Os próximos tópicos trarão o processo de criação e estruturação do trabalho, os critérios de busca e organização dos entrevistados, a forma como foi produzido, o que foi gasto durante todo o projeto e também uma explanação sobre a etapa final de organizar e colocar o material no site, que irá ser o suporte.

3.1 Estrutura e Roteirização

Como exposto no tópico sobre o conceito de documentário e webdocumentário, uma das características desse tipo de material é a liberdade do usuário em fazer o próprio caminho na exibição do material. Mas, como foi elucidado no mesmo tópico, existem possibilidades de materiais mais ou menos lineares, ou seja, em que o autor dá menos ou mais liberdade para o usuário fazer as próprias conexões.

Foi levando em consideração esses dois pontos que se fez necessário a criação de uma estrutura básica para o webdocumentário. Essa estrutura está dividida em três partes, que se complementam. Cada parte é composta de um vídeo central, a qual são discutidos a abordagem da parte em questão, e materiais (podem ser vídeos, imagens, textos, podcasts) secundários, que tem o papel de conversar com o material central e também facilitar, tornar mais fluida, a interlocução entre as outras partes.

A primeira parte recebeu o nome de “Geração” e é uma abordagem sobre o presente, o momento etário que o país vive, além de trazer conceitos importantes como transição demográfica e o conceito das gerações Y e Z. Nela, contém um vídeo central que aborda essas temáticas e um segundo vídeo, secundário, que traz uma entrevista realizada por mim com a Dona Heloísa Dias Abade, uma avó, e sua neta, Giuliana Abade, no qual se trata dessa relação e traz uma perspectiva de uma pessoa idosa ao analisar a realidade da época em que uma idade menos avançada e o momento atual, da juventude de hoje.

A segunda parte tem o nome de “Futuro”. Com ela, o foco é discutir o que se pode esperar para as gerações Y e Z quando estas tiverem atingido 60 ou mais anos. Além do vídeo

central sobre isso, esta parte também conta com uma playlist de episódios de podcasts (que não foram feitos por mim, mas somente compartilhados no webdocumentário) que tratam sobre a temática das gerações, em especial as gerações Y e Z. Além disso, outros dois materiais secundários que compõem essa parte são dois textos com dicas para uma vida financeira saudável e para uma vida saudável de olho no envelhecimento saudável, ambos feitos a partir das entrevistas.

A terceira parte foi batizada de “Ação”. Essa terceira etapa pretende responder o seguinte questionamento: O que é necessário ser feito hoje para que essas gerações cheguem a uma velhice mais segura e confortável? Como na primeira parte, ela contém um vídeo central sobre esse assunto, além de um vídeo secundário que contém trechos de uma entrevista com a arquiteta Maria Eduarda Almeida, que fez um livro relacionando o envelhecimento populacional e a forma como as cidades deveriam se adaptar, além de cenários de como podem ser adaptados alguns espaços em 2050 no Plano Piloto para acolher essa população. Além disso, essa terceira etapa conta com um espaço de mensagens, dicas, conselhos de pessoas das gerações estudadas neste trabalho e que foram entrevistadas durante o projeto.

Por se tratar de um ambiente digital, mais precisamente um site, o webdocumentário não fica apenas ancorado em uma plataforma como o YouTube. Por isso, a disposição das partes no site deve seguir a ordem que foi apresentada acima. Optei por essa forma de disposição por entender que há uma maior facilidade de entendimento do que foi abordado e também por seguir uma lógica do jornalismo, que prioriza a atualidade (no caso a questão iminente da transição demográfica, processo que o país passa atualmente) e depois destrincha as causas e efeitos.

No entanto, vale ressaltar, que o usuário é livre para começar pela parte ou material que achar ser melhor, já que isso é um princípio de um webdocumentário. Independente de qual parte ou material aparece em primeiro ou em segundo ou em terceiro, ela tem que ser feita pois o layout de um site exige que assim seja feito. A disposição pela qual escolhi tinha que ser feita e a fiz seguindo aqueles critérios citados no parágrafo anterior.

3.2 Entrevistados

Antes de se tratar sobre os entrevistados, é importante colocar o contexto em que aconteceram as entrevistas. Em 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou a pandemia de coronavírus²². Com o fato, vieram as consequências como o isolamento e distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel, todas medidas para evitar a contaminação. As entrevistas nesse período também mudaram e passaram a serem feitas por plataformas online de videoconferências.

Porém, como a realização prática do webdocumentário já aconteceu em um período onde contávamos com vacinas e medidas bem estabelecidas de prevenção, optei por fazer as entrevistas deste trabalho de forma híbrida: parte remota e parte presencial.

Para as entrevistas presenciais dei preferência para entrevistados que residissem em Brasília, Distrito Federal, ou em Rubiataba, Goiás, cidade que visitei durante esse período e onde já existia uma parte significativa da população com as doses da vacina aplicadas. Vale elucidar, que essa cidade também é minha cidade de origem e onde tenho acessos facilitados, o que também garantia redução com custos que por ventura teriam em uma viagem para outro lugar.

Ao todo foram 16 entrevistados, sendo 06 de forma presencial e 10 de forma remota. A escolha dos entrevistados levou em consideração: tema do trabalho, entrevistados da geração Y e Z que tivessem idade entre 12 e 36 anos, busca por diversidade nos entrevistados das gerações Y e Z (no sentido social, no sentido de localização geográfica e no sentido de faixa etária dentro das próprias gerações - Tabela 1) e especialistas que tivessem trabalhos ou experiência com os conceitos abordados (Tabela 2). Ao todo foram aproximadamente 30 dias entre marcação e realização das entrevistas.

²² Fonte: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 29 set 2021.

Tabela 1 - Divisão dos entrevistados das gerações Y e Z

Entrevistados Geração Y e Z (entre 12 e 36 anos)		
Faixa Etária	Localização	Quantidade
12 a 19 anos	Rubiataba (GO)	2
20 a 25 anos	Joinville (SC)	2
26 a 29 anos	Rubiataba (GO)	1
30 a 36 anos	Distrito Federal	1

Fonte: autoria própria.

Tabela 2 – Especialistas por área de atuação e quantidade

Especialistas	
Área de atuação	Quantidade
Psicologia	1
Demografia	2
Economia	1
Arquitetura e Urbanismo	1
Meio Ambiente	1
Saúde	1
Sociologia/Comunicação	1

Fonte: autoria própria.

Segue a lista dos especialistas. As informações foram retiradas dos respectivos currículos na plataforma Lattes ou repassada pelos próprios entrevistados:

- Dr. Márcio Minamiguchi: pesquisador em Demografia no IBGE desde 2014 e atualmente é responsável pela Gerência de Projeções e Estimativas Populações da População do instituto. É bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas, vinculada ao IBGE, e doutor em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);
- Me. Ana Cláudia Fernandes: atualmente é doutoranda em Ciências da Comunicação na USP. É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre em Sociologia da Cultura pela USP;
- Me. Gustavo Souto: atualmente aposentado, tem formação em Engenharia Cartográfica pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), especialização em Análise de Sistemas pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e mestrado em Gestão Econômica do Meio Ambiente pela Universidade de Brasília (UnB). Foi consultor legislativo da Câmara Legislativa do Distrito Federal na área de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano e Rural. Também é ex-presidente do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM) e ex-diretor adjunto do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal (SLU). Também já foi coordenador do Núcleo de Estudos Ambientais da UnB;
- Prof. Dra. Cleide Fátima Moretto: professora na Universidade de Passo Fundo (UPF), atualmente é coordenadora do curso de Ciências Econômicas, leciona no Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da UPF e é membro da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. Tem graduação em Ciências Econômicas pela UPF, mestrado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) e doutorado em Economia pela USP. Também realizou estágio pós-doutoral em Psicologia Social na Universidade de Lisboa
- Prof. Dr. José Carlos Ferrigno: autor de livros como “Conflito e Cooperação entre Gerações”, atualmente trabalha como consultor de empresas e instituições. É graduado em Psicologia pela USP, mestre em Psicologia Social pela USP e doutor em Psicologia Social pela USP. Também trabalhou como professor convidado dos cursos de especialização em Gerontologia e Relações Intergeracionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP);

- Prfa. Dra. Laura Wong: peruana, é atualmente professora titular da UFMG e também coordenadora do curso de Pós-Graduação em Demografia. Tem título equivalente a mestrado em Demografia pela Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía e Ph.D em Demografia na London School of Hygiene and Tropical Medicine. Eleita vice-presidente da Internacional Union for the Scientific of Population (IUSSP), gestão 2022/2025. É uma das autores que dão fundamento ao trabalho, principalmente no tópico “Transição Demográfica e o Cenário Brasileiro”;
- Prof. Dr. Otávio Nóbrega: atual diretor-científico da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) do Distrito Federal e professor na UnB. É graduado em Ciências Biológicas pela UnB, mestre em Ciências Biológicas pela UnB e doutor em Patologia Molecular pela Unb. Também fez pós-doutorado em Ciências da Saúde na USP e na McGill University Health Centre, do Canadá.

Como trabalho, meus horários e dias de gravação tiveram que ser flexíveis. Por isso, a maioria das entrevistas realizadas de forma remota aconteceram em dias da semana depois das 15h30 e as entrevistas presenciais durante fins de semana.

No próximo tópico trago mais detalhes de como aconteceu o processo de marcação das entrevistas, como foram as entrevistas e materiais utilizados nelas.

3.3 Produção

O processo de produção começou com a escolha dos pontos que deveria levar para o trabalho, por isso recorri às áreas de Demografia, Sociologia, Psicologia, Economia e Saúde, campos que têm relação de forma direta com meu trabalho. Por consequência, acabei traçando as áreas de atuação dos especialistas. Depois, com o desenvolvimento do projeto, também surgiu a necessidade de buscar um especialista da área ambiental.

No processo de busca e solicitação de entrevista pelos especialistas, contei com ajuda de assessorias de imprensa, nos casos em que estavam ligados a alguma instituição, como IBGE e a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, e também da plataforma Lattes, onde é possível fazer uma filtragem dos temas já estudados pelos pesquisadores cadastrados na plataforma. No caso do Lattes, o contato foi direto com o especialista, por meio do e-mail disponibilizado por eles na própria plataforma ou em uma busca ativa na internet de contatos.

Além disso, outros contatos também foram de forma mais simples, como é o caso do Me. Gustavo Souto, cujo contato já tinha na minha agenda de fontes.

No caso dos demais entrevistados contei com a ajuda de familiares e amigos para encontrar pessoas em diferentes regiões e seguindo os critérios postos no tópico anterior. Vale ressaltar, que em nenhum momento utilizei do meu cargo como estagiário ou de produtor do Canal Rural para nenhum tipo de pedido de entrevista. Além disso, com exceção da entrevistada Giuliana Abade, não tenho vínculo de amizade com nenhum dos entrevistados. A exceção se deu pois a avó dela tem 92 anos e a neta, Giuliana, se enquadra na geração Z.

Um dos desafios encontrados nesse processo foi a recusa de alguns possíveis entrevistados por diferentes motivos: atraso no retorno da solicitação, dificuldade de agenda e até mesmo indisposição ou vergonha de aparecer em uma produção audiovisual. As medidas tomadas foram: insistir nas respostas (em casos de atraso), explicação do tema de forma mais detalhada (nos casos de vergonha) e, por último, buscar entrevistados substitutos (em todos os casos quando as iniciativas anteriores não davam resultado).

O processo de marcação era feito de forma simples. Sempre se enviava um texto explicativo, mas breve sobre o tema do projeto, com trechos personalizados para cada um dos entrevistados, já que tinham funções diferentes dentro do tema (exemplo: no caso dos especialistas de demografia, colocava que a entrevista seria sobre assuntos de demografia e não sobre o conceito de geração ou algo do tipo). Além disso, depois da confirmação das fontes, era enviado o link da plataforma Zoom, nos casos de videoconferências, ou se pedia a localização, nos casos das entrevistas presenciais. Exceto no caso da Me. Ana Cláudia Fernandes é que fizemos a entrevista utilizando o Meet.

As que se realizam de forma presencial seguiram as orientações sanitárias e, na medida do possível, eram realizadas em ambientes abertos, com higienização do equipamento, procurando manter o distanciamento e sempre utilizando máscara. O uso ou não de máscara durante as entrevistas ficava a critério dos entrevistados.

As perguntas em todos os casos foram pensadas previamente e foram direcionadas de acordo com os assuntos que cada entrevistado deveria falar. Nem sempre todas eram feitas e novas perguntas surgiam dependendo da resposta dos entrevistados.

Em todas as entrevistas era explicado o motivo da gravação e o uso posterior no webdocumentário. No caso dos entrevistados menores de 18 anos, também se pedia a assinatura por parte do responsável do termo de uso de imagem e áudio (Apêndice II).

Vale ressaltar que todos os entrevistados foram muito cordiais e aceitaram com tranquilidade a gravação. Não houve em nenhum momento destrato comigo e a recepção dos entrevistados presenciais também é de se destacar. Todos manifestaram que o tema debatido é muito importante.

3.3.1 Gravação e Equipamentos

Durante todo o processo, as gravações foram feitas por mim, seja com o auxílio de um celular Iphone (emprestado eventualmente por uma amiga) ou pela minha câmera. Sendo assim, as responsabilidades de direção de fotografia, iluminação e cinegrafia foram executadas por mim. Abaixo segue a lista de equipamentos utilizados durante todo o processo de produção do webdocumentário (Tabela 3).

Tabela 3 - Equipamentos utilizados na produção do webdocumentário

Objeto	Quantidade	Proprietário
Câmera Canon T6	1	Próprio
Microfone Lapela Boya	1	Próprio
Tripé	1	Próprio
Celular Iphone	1	Emprestado
Computador/Notebook	1	Próprio
Luz de LED	1	Emprestado

Fonte: autoria própria.

3.3.2 Identidade Visual

A identidade visual também é outro elemento fundamental na realização do webdocumentário. O objetivo das formas, fontes, cores e traços implementados na identidade do webdocumentário é buscar uma maneira harmoniosa de passar as informações sem

chamar muita atenção, mas também realçando o sentido da intimidade, na tentativa de aproximar a pessoa que irá ver o webdocumentário.

Tendo isso em vista, escolhi para o título uma fonte cursiva, ou seja, que simula uma escrita. A fonte eleita foi *Autography*. Já para o subtítulo, ou, o complemento, a ideia era explicar o porquê logo no início, isto é, já dar um indicativo do que se trata o material, do que o usuário irá encontrar naquele vídeo, no webdocumentário com um todo. Por isso, preferi por uma fonte sem serifa, que traz um ar de modernidade, de minimalismo, além de ser mais utilizada na internet. Com essa intenção, a que melhor se encaixou foi a *AvantGardEF Book*.

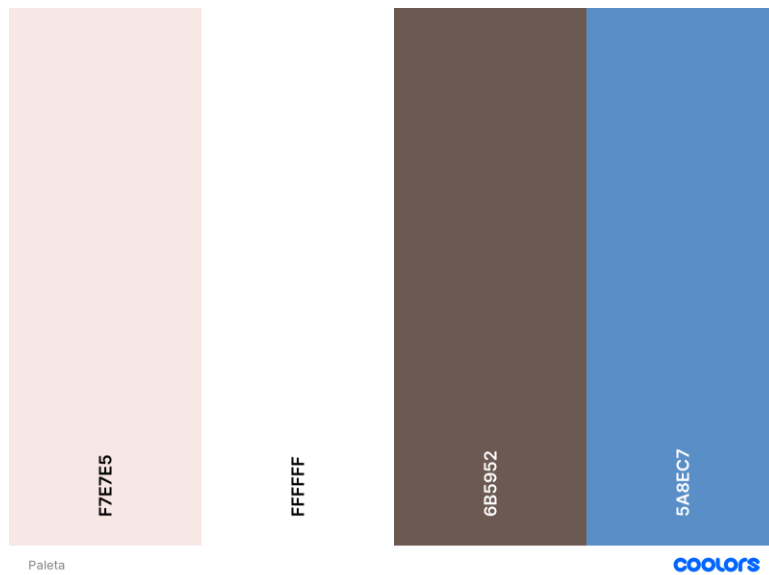
Quanto às cores, também pensei em algo que transmitisse modernidade, serenidade, que remetesse para o futuro ou ao sentido de pensar no tempo, e que fosse limpa, clara.

Vale ressaltar que não tenho experiência no desenvolvimento de artes e designers, por isso, busquei conselhos com uma amiga, que é diretora de arte, além de referências, como novelas e documentários. Essas bases foram importantes para encontrar tanto cores como fontes que se encaixariam melhor com a proposta.

Com isso, a identidade visual ficou basicamente composta pela frase “Como eu chego lá?” na fonte *Autography*, centralizada; uma linha azul; e o subtítulo “Uma discussão sobre o envelhecimento das gerações Y e Z”, na fonte *AvantGardEF Book*, também centralizada e com uma variação entre um rosa mais claro e um marrom. Os fundos variam de acordo com o vídeo, também por isso, o subtítulo teve essas duas cores, para que possa se adaptar bem a qualquer fundo que fosse colocado.

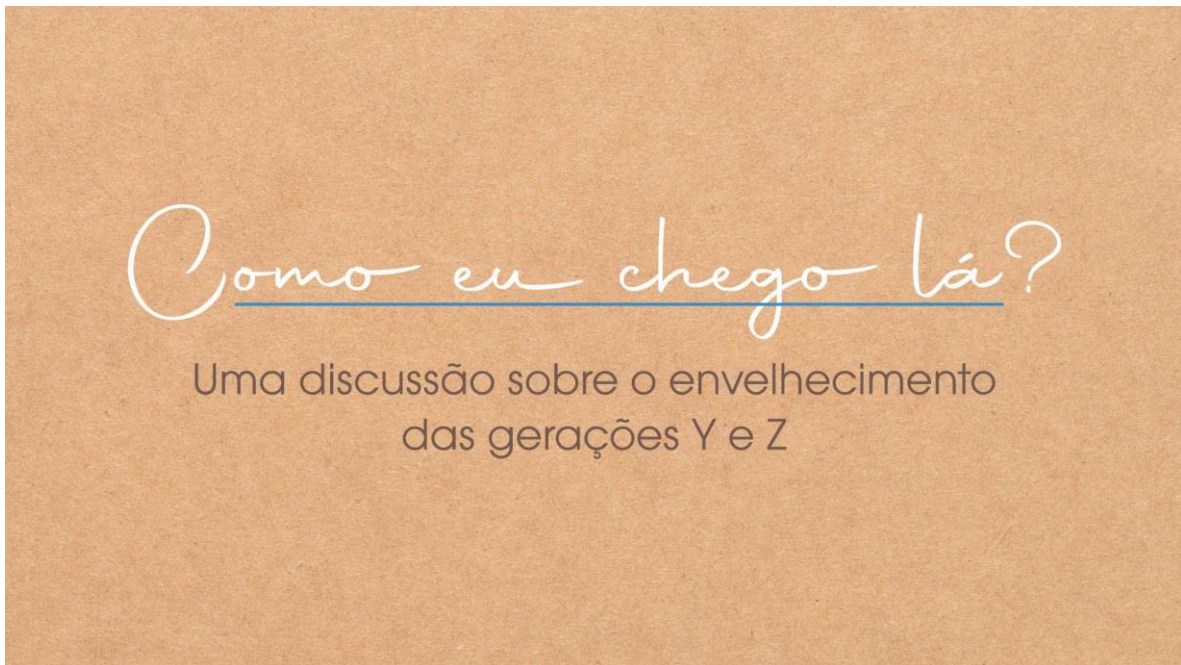
Abaixo segue a paleta de cores (Figura 4), e as diferentes aplicações da identidade (Figura 5, Figura 6, Figura 7).

Figura 4 - Paleta de cores



Fonte: Extraído da plataforma Coolors.

Figura 5 - Aplicação de Identidade Visual I



Fonte: autoria própria.

Figura 6 - Aplicação de Identidade Visual II



Fonte: autoria própria.

Figura 7 - Aplicação de Identidade Visual III



Fonte: autoria própria.

As artes presentes nos vídeos também seguem essa identidade. Por serem textos no qual o objetivo é que os usuários leiam com facilidade, optei por colocar a mesma fonte utilizada no subtítulo, a *AvantGardEF Book*. O que muda são os tamanhos. As partes dos textos que queria destacar foram aumentadas.

3.3.3 Edição e Finalização

O processo de edição também foi realizado por mim, com o auxílio de um notebook e do programa Adobe Premiere. Apesar dos cortes e implementações de artes serem feitas no software, a edição começou antes, ao rever o material gravado e fazer uma indicação dos assuntos tratados em cada uma das entrevistas e dos tempos. Com isso, foi possível já saber trechos mais oportunos para cada vídeo.

Esse talvez tenha sido o processo da produção de maior dedicação de tempo, pois foi necessário concentração e um trabalho técnico maior, como cortes, junção de takes, incorporação de trilhas, correção de áudio entre outros. Mas também foi muito válido para aquilo que foi proposto no sentido de colocar em prática diferentes habilidades aprendidas durante o período do curso de jornalismo.

As entrevistas foram um dos materiais, mas além delas foram necessários buscar trilhas sonoras, imagens de apoio (utilizadas como transições ou como fundo de artes), produção de artes ou textos animados. As trilhas sonoras utilizadas são todas com licença de uso gratuito, sendo baixadas do link <https://www.youtube.com/audiolibary>. Já as imagens de apoio tiveram duas formas: algumas feitas por mim, em Brasília, e outras baixadas de site que também permitem utilizar os vídeos de forma gratuita.

Um dos desafios foi o de colocar tudo o que era necessário no vídeo e manter um tempo que não fosse muito extenso, apesar de não ser esse o objetivo principal da produção dos vídeos.

A etapa de correção também foi muito importante nesse processo. Foi com os apontamentos da orientadora que consegui ajustar ou ver detalhes como pequenos erros de ortografia que acabam passando.

A fase final desse processo é o upload dos materiais no YouTube. A partir dele, foi possível colocar os vídeos na internet e assim conseguir linkar com o site do webdocumentário, tema do próximo tópico.

3.3.4 Site

Antes de iniciar a produção do site, que armazena todo o trabalho, foi necessário escolher uma plataforma que oferecesse esse serviço de construção de site de forma intuitiva, pois não tenho conhecimento em desenvolvimento de software ou sites, e que também fosse gratuito. Já tive uma experiência com a plataforma *Wix*, que oferece diversos *templates* editáveis de sites e tem domínio grátis.

Visitei algumas páginas de webdocumentários para tomar como base, mas minha referência foi o “*Seven Digital Deadly Sins*”²³. Esse documentário online tem uma proposta de expor logo no início os vários caminhos que o usuário pode ter, isso a partir dos nomes sete pecados capitais. Então, comecei a busca por um *template* que pudesse trazer esse dinamismo e o que mais se assemelhou foi o que escolhi. Não é o mesmo modelo e não tem o mesmo grau de sofisticação do webdocumentário canadense, mas tem essa ideia de colocar logo na primeira página todas as partes para que o usuário pudesse acessar primeiro o que entendesse ser melhor.

Antes de criar o site ou até mesmo de editá-lo foi necessário criar uma conta de e-mail, que também serviu como perfil no agregador de vídeos *Youtube*. Não usei a minha conta pessoal, pois queria dar autonomia ao webdocumentário e não queria vinculá-lo com minhas contas pessoais.

Na etapa de edição do *template* alguns elementos foram mudados, outros adaptados e outros excluídos. Como já tinha imaginado o formato, dito no tópico produção, a ideia era diversificar as formas e colocar de maneira atraente para o usuário.

Nesse sentido a identidade visual elaborada no começo foi essencial, pois busquei colocar todas as letras e cores dentro do padrão estipulado ou a partir de variações desse padrão. Então, não foi uma busca no escuro, já sabia o que teria que obedecer no que tange ao visual. As imagens utilizadas foram retiradas da plataforma de fotos e vídeos de uso gratuito *Pixabay*.

Além dos vídeos, o webdocumentário conta com textos e uma playlist. Essa parte não foi feita diretamente na plataforma. No caso da *playlist* de *podcasts*, a plataforma utilizada foi o *Spotify*, já bastante conhecida e difundida como agregadora de música e de *podcasts* e que possibilita fazer uma listagem e compartilhar. Os episódios escolhidos para compor a

²³ Disponível em: <http://sins.nfb.ca/#/Grid>. Acesso em: 09 jun. 2021

lista discutem o tema gerações ou do envelhecimento humano e são dos *podcasts* CAOScast, Rizoma e Futuro Abierto, da Rádio Nacional da Espanha. A inclusão deste último foi na tentativa de trazer também uma perspectiva de fora do país sobre o tema. Os textos foram feitos em um documento separado, pois depois seria fácil incluí-los e não correria o risco de, eventualmente, perdê-los com um comando equivocado na edição do *template*.

Algumas limitações com essas opções feitas são os anúncios da própria plataforma, que aparecem na parte superior das páginas, não ter um domínio sem o nome da plataforma embutido, como por exemplo www.comoeuchegola.com.br, e a versão *mobile*, que deixa alguns elementos de fora dos *layouts*. Por causa disso, a forma mais indicada de visualizar com toda a qualidade possível do trabalho é através de um computador.

No entanto, o site respondeu bem ao que foi pensado no início e oferece um leque oportuno de funcionalidades para serem aplicadas. É uma solução interessante para quem não tem familiaridade com o desenvolvimento de plataformas digitais.

3.4 Orçamento

A relação dos custos que tive durante a produção, que envolvem desde transporte, como passagem e gastos com aplicativos de transporte, até compra de equipamentos estão disponíveis na Tabela 4.

Tabela 4 - Gastos do webdocumentário

Descrição do gasto	Custo
Transporte (Viagem, Aplicativos e Combustível)	R\$ 309,76
Alimentação	R\$ 31,98
Microfone Lapela Boya	R\$ 149,00
Total	R\$ 490,74

Fonte: autoria própria.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção, criação e, posteriormente, realização do projeto do webdocumentário “Como eu chego lá?” me trouxeram uma experiência diversificada de diferentes ramos do jornalismo. Foi a oportunidade de exercitar muitas funções vistas durante o período de formação, tais como: produção, reportagem, edição e até mesmo a construção de um site. Também destaco o lado criativo que o webdocumentário proporciona, o que abre caminho para novas formas e experimentos. Explorar as faces digitais para levar um conteúdo acessível, aprofundado e ao mesmo tempo chamativo se mostrou um quebra-cabeças interessante de montar e com um aprendizado rico ao final.

Penso que o projeto conseguiu alcançar os objetivos traçados no começo, em especial o de construir um registro audiovisual mostrando uma discussão sobre os possíveis impactos futuros do envelhecimento das gerações trabalhadas e como elas podem se preparar para chegarem bem na terceira idade. Considero também que a proposta de me desafiar nos diferentes conhecimentos aprendidos durante o curso também foi cumprida.

Ainda no começo do trabalho, algumas perguntas foram levantadas e também julgo ter respondido. Algumas delas questionam se essas gerações mais jovens pensam no futuro. A partir deste trabalho, não é possível aferir com o rigor científico necessário que essas gerações têm um comportamento igual em tudo, mas a partir do que foi discutido, sim, os jovens pensam no futuro. Porém, um futuro próximo, um futuro do amanhã. Temas como aposentadoria, saúde e políticas sociais ficam para depois e há uma ausência de profundidade e até de conhecimento sobre esses assuntos quando relacionados ao envelhecimento.

Quanto aos cenários, os especialistas entrevistados, bem como o exposto neste Memorial, não colocam um mundo muito animador para os futuros vovós e vovôs *millennials* e *centennials*. Mas é unânime entre eles que é preciso fazer mudanças no hoje para garantir um envelhecimento saudável em todos os aspectos. Essa conclusão evidencia a importância e urgência deste trabalho e de mais projetos nessa perspectiva, feitos e veiculados no agora, no momento presente. As demandas pedem respostas imediatas nesse sentido.

Outro ponto que considero relevante no “Como eu chego lá?” é o de trabalhar com diferentes áreas do conhecimento. O jornalismo tem essa característica forte, de não saber de tudo, mas sempre questionar e buscar saber por tudo. Como pode ser observado, o trabalho envolveu campos como Economia, Sociologia, Demografia, Psicologia, Meio Ambiente e

até Arquitetura. O que este projeto fez foi proporcionar o diálogo entre esses campos sobre o assunto do envelhecimento das gerações Y e Z.

No início tive a pretensão de conseguir esgotar esse tema, mas com o mergulho mais intenso nas pesquisas e, depois, com as conversas com os entrevistados percebi que este trabalho na verdade serviria como um pontapé. Não existem muitas pesquisas que lidam sobre o envelhecimento dessas gerações, muito menos que fazem uma relação direta entre o envelhecimento delas e o Brasil que se terá ao terminar a transição demográfica. Por isso, para trabalhos posteriores, há uma margem considerável para intensificar o debate e a pesquisa sobre isso em todas as áreas de conhecimento citadas. Além disso, outros temas correlacionados também podem ser melhor trabalhados futuramente, como o etarismo e a falta de interação intergeracional existente na nossa sociedade.

No que diz respeito aos desafios da produção, pontuo a pandemia de coronavírus e a falta de backup como os principais. O primeiro além de colocar obstáculos, como as restrições para realizar entrevistas presenciais, também empurra para um caminho de aproximar especialistas que até então estavam distantes e até inacessíveis devido aos custos de deslocamento. O segundo servirá como um lembrete importante para futuros trabalhos que venha realizar: tenha sempre um backup dos seus arquivos. Acabei perdendo quase todo o trabalho por não o armazenar em mais de um lugar, o que me fez refazer boa parte do projeto e retardar a entrega do webdocumentário. Mas o ensinamento está dado e serve não apenas para mim, mas para todos que venham depois ou que já estão no percurso.

Por fim, penso que o esforço do trabalho foi recompensado. Claro, sempre há espaço para melhorar, mas o “Como eu chego lá?” mostra um jornalismo audiovisual que toca em temas importantes e tenta antecipar e conscientizar a população para pontos relevantes, em um ambiente cibernético que abre possibilidades de expansão desse jornalismo. Envelhecer nada mais é do que seguir o ritmo natural da vida. É um caminho dado e a preparação para isso não só pode, mas deve começar desde cedo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Pedro; BALDI, Vania. **Ética e estética da representação no Web-documentário**. Cultura midiática, v. 6, n. 11, 2013.

BALDONI, A.O.; PEREIRA, L.R.L.. **O impacto do envelhecimento populacional brasileiro para o sistema de saúde sob a óptica da farmacoepidemiologia: uma revisão narrativa**. Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada, v. 32, n. 3, p. 313-321, 2011.

BANCO MUNDIAL. Disponível em: <http://data.worldbank.org/>. Acesso em: 26 de Outubro de 2020.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **DE COMTE A BAUMAN: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade**. Estudos de Sociologia, Recife, 2016, Vol. 1 n. 22.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 07 dez. 2020.

BRITO, Fausto et al. **A transição demográfica e as políticas públicas no Brasil: crescimento demográfico, transição da estrutura etária e migrações internacionais**. Belo Horizonte, 2007, p. 1 - 80.

CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso do; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigue; OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **O espaço do documentário e da vídeo reportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate**. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 107-126, 2007.

CARVALHO, J.A.M.; WONG, L.L.R. **A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI**. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 597-605, 2008

CNC. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) – agosto de 2020**. Disponível em: <http://cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-agosto-0#:~:text=A%20Pesquisa%20de%20Endividamento%20e,de%20comprometimento%20da%20renda%20do>. Acesso em: 24 out. 2020.

COSTA, E. F. A.; PORTO, C. C.; SOARES, A. T. **Envelhecimento populacional brasileiro e o aprendizado de gerontologia e geriatria**. Rev. UFG, v. 5, n. 2, 2003, p. 7 - 10.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. **O conceito de geração nas teorias sobre a juventude**. Revista Sociedade & Estado, Brasília, Vol.25 n°2, mai - ago 2010, p. 205 - 224.

FERNÁNDEZ DEL CASTRO, J. L. **Juventud: ¿ser quien es?** Ábaco: Revista de Cultura y Ciencias Sociales, Gijón, v. 4, n. 66, p. 21-67, segunda época, 2010. Disponível em: <http://www.revistas culturales.com/xrevistas/PDF/72/1393.pdf> . Acesso em: 13 ago.

2021.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho. **O envelhecimento populacional e seu reflexo nas organizações: a importância da educação ao longo da vida**. Boletim Técnico do Senac, v. 37, n. 2, p. 49-60, 2011.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 14 de ago. 2021.

GOMES, Isaltina; MELO, CTV; MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In: **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande: Intercom**. 2001.

IBGE. **Sistema de Estatísticas Vitais - Estatísticas do Registro Civil**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=destaques>. Acesso em: 12 out. 2020.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral**. 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5918>. Acesso em: 05 ago. 2021

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>. Acesso em: 14 de Novembro de 2020.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 14 de Novembro de 2020.

IBGE. **Séries: histórica e estatísticas. População Economicamente Ativa**. Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=7&op=0&vcodigo=PD295&t=sexo>. Acesso em: 11 dez. 2020.

IPCC. **El cambio climático y la tierra**. 2019. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/4/2020/06/SRCCL_SPM_es.pdf. Acesso em 14 ago. 2021.

IPCC. **Calentamiento global de 1,5 °C**. 2018. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/2/2019/09/SR15_Summary_Volume_spanish.pdf. Acesso em 14 ago. 2021.

IPCC. **Climate Change 2021. The Physical Science Basis**. 2021. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/#TS>. Acesso em 14 ago. 2021.

LEHR, Ursula. **A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo**. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 1, p. 7-36, 1999.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo,

2000. 244 p.

MCCRINDLE, Mark; WOLFINGER, Emily. **The ABC of XYZ: Understanding the global generations.** The ABC of XYZ, 2009.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. **Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 507-519, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>.

MOTTA, Alda Britto da. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento.** Revista Sociedade & Estado, Brasília, Vol. 25 nº2, mai - ago 2010, p. 225 - 250.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2005. p. 1-16.

NASCIMENTO, Michelly Vieira do; DIÓGENES, Victor Hugo Dias. Transição Demográfica no Brasil: um estudo sobre o impacto do envelhecimento populacional na previdência social.. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 40-61, 1 maio 2020. Portal de Periódicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2318-1001.2020v8n1.45463>.

NASH, Kate. **Modes of interactivity: analysing the webdoc.** media, culture & society, v. 34, n. 2, p. 195-210, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols.** Tradução de Mônica Saddy. 5. ed. Campinas: Papirus, 2010.

NUNES, André. O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E AS DESPESAS DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. org. CAMARANO, Ana Amélia. **OS NOVOS IDOSOS BRASILEIROS MUITO ALÉM DOS 60?** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2004. p. 1-594.

OLIVEIRA, Jorge Nuno. **Manual de Jornalismo de Televisão.** Lisboa: Cenjor, 2007.

PENAFRIA, Manuela. **Webdocumentário – Interatividade, Abordagem e Navegação.** Comunicação Digital – 10 Anos de Investigação. Lisboa, Portugal, Editora Minerva/Labcom, p. 149-162, 2013.

PIRES, Ana Paula da Rosa; DELIBERAL, Janielen Pissolatto; DECESARO, Leonardo; CUCCHI, Marlon Bissani. **Educação Financeira na Terceira Idade: Uma Análise na cidade de Marau-RS.** In: Mostra de Iniciação Científica, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão, 19., 2019, p. 1-15.

PRENSKY, Marck. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. On the horizon, NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001, p.1-6.

SAAD, Paulo M. **Envelhecimento populacional: demandas e possibilidades na área de saúde**. Séries Demográficas, v. 3, p. 153-166, 2016.

SCHROER, W. **Defining, Managing, and Marketing to Generations X, Y, and Z**. The Portal, 10, 9. 2008. Disponível em https://s3.amazonaws.com/rdcms-iam/files/production/public/newimages/portalpdfs/2008_03_04.pdf . Acesso em: 13 ago. 2021.

SILVEIRA, Daniel. **Desemprego diante da pandemia bate recorde e atinge mais de 14 milhões de brasileiros, diz IBGE**. 2020. Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/16/mais-de-41-milhoes-de-brasileiros-ficaram-desempregados-diante-da-pandemia-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2020.

SIQUEIRA, Rosicley Nicolao; ALBUQUERQUE, Rosa Almeida Freitas; MAGALHÃES, Ávilo Roberto de. **Métodos de ensino adequados para o ensino da geração Z: uma visão dos discentes: um estudo realizado no curso de graduação em administração de uma universidade federal**. Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, v. 23, 2012.

WONG, Laura L. Rodríguez; CARVALHO, José Alberto. **O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 23, n. 1, p. 5-26, 2006.

Anexo I - Estatuto do Idoso

O Estatuto do Idoso é um instrumento legal que dá bases para uma série de direitos das pessoas idosas no Brasil. O pesquisador deste trabalho optou por adicionar apenas uma página, mas a íntegra pode ser acessada pelo link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm.

LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003.

Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I

Disposições Preliminares

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

§ 1º A garantia de prioridade compreende: [\(Redação dada pela Lei nº 13.466, de 2017\)](#)

I – atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II – preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;

III – destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;

IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações;

V – priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

VI – capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos;

VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento;

VIII – garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais.

IX – prioridade no recebimento da restituição do Imposto de Renda.

[\(Incluído pela Lei nº 11.765, de 2008\).](#)

§ 2º Dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se suas necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos.

[\(Incluído pela Lei nº 13.466, de 2017\)](#)

Art. 4º Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

§ 1º É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso.

§ 2º As obrigações previstas nesta Lei não excluem da prevenção outras decorrentes dos princípios por ela adotados.

Art. 5º A inobservância das normas de prevenção importará em responsabilidade à pessoa física ou jurídica nos termos da lei.

Art. 6º Todo cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento.

Art. 7º Os Conselhos Nacional, Estaduais, do Distrito Federal e Municipais do Idoso, previstos na [Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994](#), zelarão pelo cumprimento dos direitos do idoso, definidos nesta Lei.

TÍTULO II

Dos Direitos Fundamentais

CAPÍTULO I

Do Direito à Vida

Art. 8º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente.

Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

Apêndice I - Pauta e Roteiro de Entrevista

PAUTA - ENTREVISTA COM A PROFA. CLEIDE MORETTO

Contatos

E-mail: XXXXXX@xxxx.com (Contato aconteceu inicialmente pelo e-mail)

Celular: (XX) XXXXX-XXXX

Sobre

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade de Passo Fundo (1990), mestrado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993) e doutorado em Economia pela Universidade de São Paulo (2002). Realizou estágio pós-doutoral em Psicologia Social na Universidade de Lisboa (2014). Atualmente é membro da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, avaliador institucional do Ministério da Educação (MEC). Professora titular III, coordenadora do curso de ciências econômicas e docente do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano (PPGEH) da Universidade de Passo Fundo (UPF). Pesquisa na área interdisciplinar e na área de Economia, com ênfase na teoria do desenvolvimento econômico e na economia psicológica, atuando principalmente nos seguintes temas: envelhecimento humano, curso da vida, trabalho, estresse psicológico, desenvolvimento sustentável e comportamento do consumidor. *(INFORMAÇÕES RETIRADAS DA PLATAFORMA LATTES)*

Pauta

REALIZAR UMA ENTREVISTA COM A PROFESSORA PARA SABER MAIS SOBRE COMO A ÁREA DA ECONOMIA/ECONÔMICA PODE INTERFERIR NO ENVELHECIMENTO DAS GERAÇÕES Y E Z. PODE-SE DISCUTIR ASPECTOS COMO APOSENTADORIA, O MERCADO DE TRABALHO E COMO ESSES PONTOS INTERFEREM NA FORMA COMO ESSAS GERAÇÕES DEVEM SE PREPARAR PARA O ENVELHECIMENTO.

Marcação

ENTREVISTA SERÁ REALIZADA POR ZOOM, NA QUINTA-FEIRA (24), ÀS 19H30. ABAIXO ESTÁ O LINK DE ACESSO. QUALQUER IMPREVISTO PODE LIGAR PARA ELA. JÁ ESTÁ TUDO ACERTADO COM A PROFESSORA. NÃO ESQUECER DE VERIFICAR ENQUADRAMENTO, GRAVAR NA HORIZONTAL, COLOCAR NO MODO “GALLERY” E ENTRAR DE UM COMPUTADOR PARA GRAVAR.

Link:

<https://us04web.zoom.us/j/76542013034?pwd=2nYyPSMZPdtWmUrBkzb3vnxKpAYWNd.>

1

ID da reunião: 765 4201 3034

Senha de acesso: 3nSeBd

ROTEIRO

AVALIAR AS RESPOSTAS E VER SE NÃO É NECESSÁRIO FAZER MAIS PERGUNTAS A PARTIR DAS RESPOSTAS. AS PERGUNTAS AQUI ESTÃO COMO BASE, MAS PODEM SER MODIFICADAS NO MOMENTO.

Apresentação e cumprimentos

Pergunta 1: Vivemos o processo de transição demográfica e demógrafos dizem que está acontecendo de forma muito acelerada se comparada com outros países. Bem, hoje e há algum tempo a previdência ela se alicerça na população ativa, que produz. Com essa população diminuindo, quais cenários a gente pode encontrar daqui algumas décadas com relação a aposentadoria ou previdência? (Se quiser comentar sobre a reforma da previdência)

Pergunta 2: Cleide, e quanto a saúde, os custos com saúde, ao chegar nas idades mais avançadas, esses custos aumentam, seja para o estado ou para a própria pessoa?

Pergunta 3: Ainda sobre o futuro, como você vê a importância dos jovens, adolescentes e crianças já pensarem no aspecto de que um dia eles vão envelhecer?

Pergunta 4: Hoje nós temos uma sociedade um pouco resistente a empregar pessoas idosas, mesmo que elas tenham condições de realizar. Esse panorama deve mudar? Também gostaria que comentasse um pouco sobre como o senhor imagina as diferenças do que temos hoje, do mercado de trabalho de hoje, para um mercado de trabalho no futuro, pensando nessa perspectiva de que teremos idosos tecnologicamente funcionais e adaptados a essa realidade?

Pergunta 5: E qual o papel da educação, da formação educacional nesse contexto?

Pergunta 6: Qual a importância de pensar em aposentadoria e quais seriam os efeitos de pensar nessa aposentadoria desde já na vida desses futuros idosos, quando essas gerações atingirem idades elevadas?

Pergunta 7: Na sua opinião existe algo que podemos começar a fazer ou que estamos atrasados para alcançar uma idade avançada mais tranquila ou pelo menos mais estável?

Agradecimento e despedida.

Apêndice II - Modelo de Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz de Menores de 18 anos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ DE MENORES DE 18 ANOS

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, complemento _____, cidade de _____, Estado _____, responsável legal do menor de 18 anos _____, nacionalidade _____, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz do menor citado acima em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso do senhor Daumildo Alves de Oliveira Junior, nacionalidade brasileira, inscrito no CPF XXX.XXX.XXX-XX, formando em Jornalismo pela Universidade de Brasília. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: site; webdocumentário; mídias digitais e eletrônicas (redes sociais, televisão, canais de vídeo, entre outros). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem e voz ou a qualquer outro.

_____, ___ de _____ de 2021.

(Assinatura do responsável)

Nome do representado: _____

Responsável Legal: _____

Telefone para contato: _____